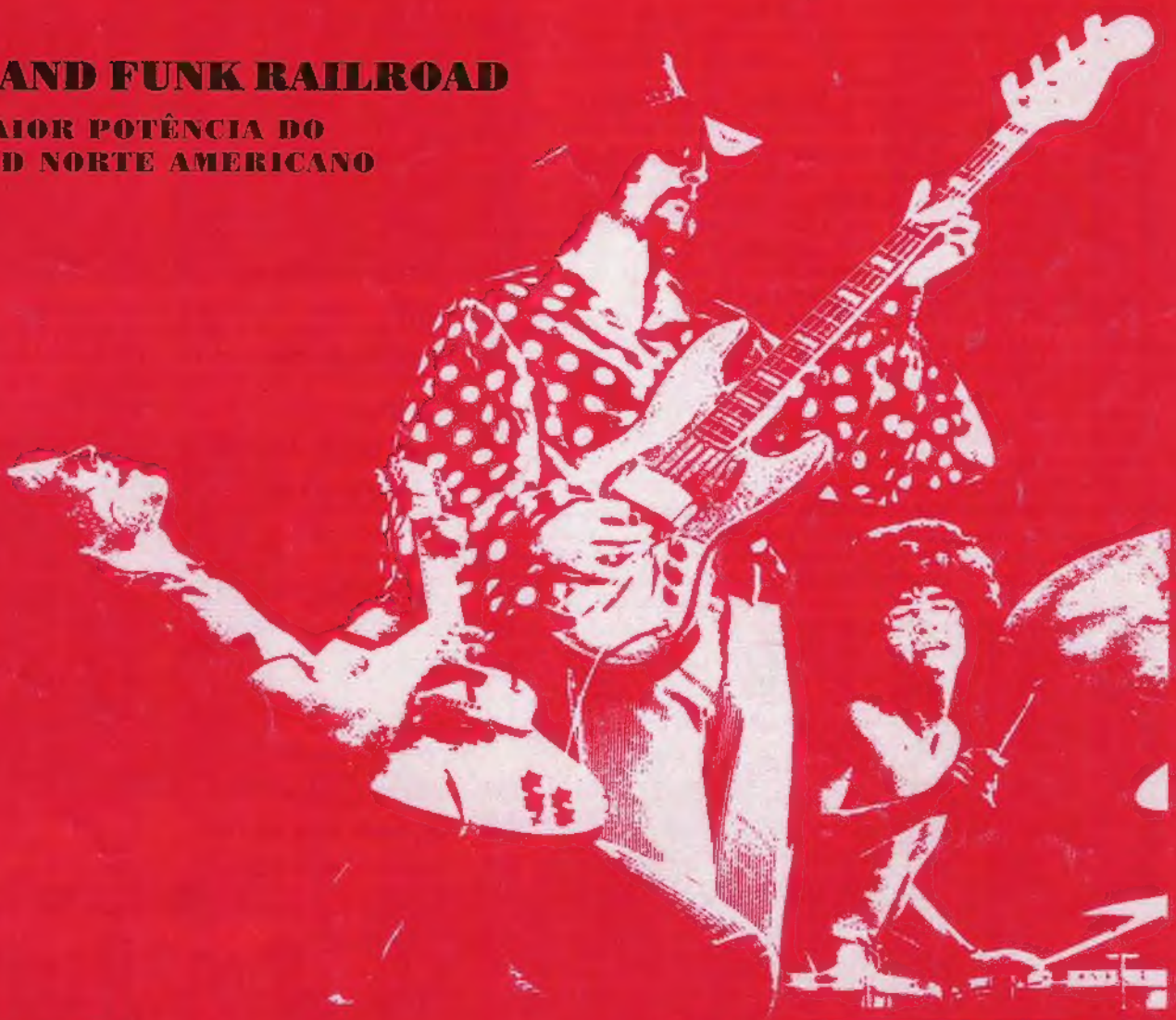
Número 01 - maio/junho de 2003

poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos

GRAND FUNK RAILROAD

A MAIOR POTÊNCIA DO HARD NORTE AMERICANO



YES

um guia para quem quiser mergulhar nesse oceano progressivo

Cheap Trick como se os Beatles tivessem continuado!

Camel expressando sentimentos sem dizer uma palavra sequer

Sly and the Family Stone levando todo mundo para cima

Cana neles ! as apreensões mais famosas do mundo musical

Agora é pra valer !

Depois da pré-estréia que tivemos com o número zero, chegamos às vias de fato - o número 1. Primeiramente devo confessar que fiquei espantado pela receptividade e aceitação que a Poeira Zine obteve logo que foi lançada. O lançamento oficial foi feito no dia do show do Status Quo aqui em São Paulo. O emocionante foi ver a reação dos fãs ao ver que pela primeira vez no Brasil, a lendária banda inglesa ganhou uma capa de alguma publicação, além de uma super biografia com discografia comentada e tudo mais.

Ainda mais emocionante foi poder conhecer Francis Rossi e Rick Parfitt pessoalmente - os frontmans do Quo. A expressão de Francis ao olhar o Zine e ficar me perguntando sobre aqueles compactos, é algo difícil de esquecer, assim como ver a dupla indo embora com o Zine debaixo dos braços - de arrepiar!

Nesse número 1, dei uma geral numa das maiores bandas da América dos anos 70 - o Grand Funk Railroad - que por sinal, acho que até hoje também nunca mereceu nenhuma capa de revista aqui pelo nosso Brasil. E o melhor é que dá para ir curtindo a matéria com trilha sonora especial, pois a EMI brasileira já lançou 8 CD's da melhor fase da banda. Para os fãs do eterno Rock Progressivo, temos um guia de como comprar discos do Yes, feito pelo colaborador Sérgio Eduardo, e um panorama de uma obra suprema do estilo - "The Snow Goose", dos ingleses do Camel. Tem também Cheap Trick, Stories, Dom Salvador e Sly and the Family Stone, ou seja, coisas que com certeza você não irá ler em nenhuma outra publicação do país.

Muitas novidades também nesse número. A seção "Have a Nice Day" - que tem como objetivo não "desamparar" os que emplacaram somente um ou dois hits; "Bodum" - só com o melhor da Black Music; e também comentários sobre o que de melhor aconteceu em palcos tupiniquins nesses dois últimos meses.

Antes de terminar, gostaria de agradecer a todos que acreditaram no meu trabalho e na proposta da Poeira Zine. Agradecer também aos amigos leitores de todo o Brasil, pelo entusiasmo e pelos incansáveis elogios.

Bento Araújo

Bento Araújo, 26 anos, é jornalista e fanático por música em geral. Adora escrever, vasculhar sebos e lojas de discos e tocar contra baixo.

Editor responsável, redação, arte, diagramação, Marketing e distribuição : Bento Araújo.

Contato: poeirazine@hotmail.com ou pelo 11-9526-7947
Todas as matérias são de autoria do editor, exceto as indicadas.

Colaboraram nessa edição: Sérgio Eduardo.

Agradecimentos: Carmen (mamy rock n' roll, meu exemplo de alma), Carol (pela força e coragem), Tó, família, Padre Bento, todos os meus amigos aqui da Terra e do Universo, Victor Zep, Renato Rushman, José (pelo aprendizado), Júlia, Alê Batera (tratamento dos logos publicitários), Ray (força total), Rogério, Sérgio Martins, Paulo Cavalcanti, Kid Vinil, Fábio Massari, Fabian Chacur, Luis Calanca, Diaz, João Pacheco, Daniel Atibala, Menino Wilson, Marcelo Ringel, Scrutinizer Band, Hector Borja, Cadinho, Sérgio E. Alpendre, Hélton, todo o fã clube brasileiro do Status Quo, Nivaldo, Nélson, Normando (nº1 do blues), Magrão e Moacir, Mário e Mércia, George, Morcegão e Fernando Barreto, Vitão Bonesso, Fábio Golfetti, Jeferson Araújo Pereira, Fernando Naporano, João Paulo Andrade, Rubens Leme da Costa, Giovanni, Luiz Barata, Anastácio, Vladimir, Carlinhos, Carlos Eduardo, Wilson e Zé, Márcio, Casagrande e Silvio Golfetti, Fernanda e Renato Dilela (EMI), Sérgio e Teca, Leandro e Hernando, Amadeu, Marcelo Watanabe, Paulo Thomaz, Paulo Resende, Dr. Rock, Pugialli, Oscar.

Especial:

07 Grand Funk Railroad

Fun Fun Fun:

18 cana neles! As maiores apreensões do Rock
06 como é a vida de um bolha!

Seções:

23 música que veio do Brasil - Dom Salvador
16 como comprar - Yes
19 perto do limite - Camel
15 ou vai ou racha - Cheap Trick
22 pérola escondida - Stories
04 bodum - Sly and the Family Stone
18 enquanto isso na Net...
03 have a nice day
20 shows - Status Quo/Focus/The Central Scrutinizer Band

São bandas que tiveram um ou dois hits no máximo, porém são hits imortais, que até hoje emocionam não só quem viveu a época.

REDBONE

The Witch Queen of New Orleans - fevereiro de 1972
Come and Get Your Love - abril de 1974

Grupo formado por genuínos índios americanos, o Redbone era "chefiado" pelos irmãos Pat e Lolly Vegas. Antes de formarem a banda, os dois trabalharam como músicos de estúdio para Dr. John, Leon Russell, Glenn Campbell, Johnny Rivers entre outros. Em 1968 nasceu o Redbone, que somente em fevereiro de 1972 emplacou "The Witch Queen of New Orleans" no 21º posto da parada americana, e 2º da parada britânica. A canção era simplesmente assustadora - o andamento tribal, os vocais guturais e as guitarras carregadas de efeitos eram diferentes de tudo que costumava freqüentar as paradas de sucesso da época. No Brasil, a música também foi um grande sucesso e chegou até a ser lançada em compacto.

Já com "Come And Get Your Love" em abril de 1974, o Redbone foi ainda mais longe; o single vendeu na América, mais de um milhão de cópias. Lógico que "Come And Get Your Love" era muito mais comercialmente viável do que "Witch Queen", mostrando a banda num pique mais para a "Soul Music", bem no estilo de Marvin Gaye.

Onde achar: Golden Classics (Collectables)

Five Man Electrical Band

Signs - agosto de 1971

Quinteto canadense formado em Otawa, por Les Emmerson na guitarra e vocais, Brian Rading no baixo, Ted Gerow nos teclados e por dois bateristas – os irmãos Rick e Mike "Bell" Belanger. A banda se chamava "Staccatos" e tiveram um hit em 1967 - "Half Past Midnight". O primeiro disco da banda, chamado "A Wild Pair", contava com a participação de todo o Guess Who, e foi seguido de outro disco chamado "Five Man Electrical Band" de 1968, que foi justamente como os Staccatos passaram a ser chamados dali por diante.

"Signs" num primeiro momento foi lançada como um mero lado B de um single chamado "Hello Melinda Goodbye", e nada aconteceu. Até que em 1971, "Signs" foi relançada dessa vez no lado A do compacto, e o resultado foi o 3º posto da parada americana e o 4º na parada canadense, vendendo mais de dois milhões de cópias mundo afora. A música voltou às paradas no começo dos anos 90, graças a uma regravação feita pela banda Tesla. O Five Man Electrical Band ainda apareceu nas paradas novamente em novembro de 1971, com "Absolutely Right", mas sem o mesmo impacto de "Signs".

Onde achar: Absolutely Right - The Best of Five Man Electrical Band (Polygram)

Phython Lee Jackson

In A Broken Dream - julho de 1972

Na época, quem pegava esse compacto e se deparava com uma lindíssima e dolorosa canção, embalada naquela irresistível voz rouca, já matava de cara: "É o Rod Stewart!"

E era impossível não ser. Phython Lee Jackson na verdade não era um cantor como muitos pensavam, mas sim uma banda completa. O que aconteceu é que John Peel (aquele apresentador da rádio BBC), conhecia a banda, que era australiana e na época estava fazendo shows em Londres. John convidou os garotos para uma gravação, e de lambuja levou Rod Stewart para dar uma "forcinha".

A versão de "In A Broken Dream" com os vocais de Rod ficou tão genial, que o vocalista "oficial" do Phython Lee Jackson, resolveu deixar a música com os vocais de Rod mesmo.

A gravação original foi realizada em 1970 (com Rod ainda no posto de vocalista do Jeff Beck Group), e logo lançada no mercado. No entanto, o single não deu em nada, e por um curto espaço de tempo a música ficou esquecida.

Em 1971, com o mega hit "Maggie May", Rod se tornava um dos mais respeitados "Rock Stars" da época. Tentando aproveitar o auge de sua carreira e sucesso, o compacto foi relançado em 1972 e estourou mundialmente. Coisas do mundo musical...

Onde achar: Have a nice day Vol.08 (Rhino)

Browsville Station

Smokin' In The Boys Room - janeiro de 1974

Banda formada em Detroit em 1969 pelo guitarrista Cub Koda. No palco o Browsville era um caso à parte. A presença cênica do figuraça Cub Koda, influenciou gente do calibre da J. Geils Band e da Billion Dollar Babies de Alice Cooper.

"Smokin' In The Boys Room", com sua forte pegada rock 'n roll, chegou ao topo das paradas bem no início de 1974, e foi o único hit da banda. Em 1985, o Motley Crue regravou a música no seu disco "Theatre Of Pain".

Cub Koda, tomou-se depois do fim da banda, um renomado jornalista musical; participando de várias publicações especializadas no gênero. As últimas notícias não foram boas para os fãs, pois relatavam a morte do líder Cub Koda, nos EUA.

Onde achar: Smokin' In The Boys Room - The Best of Brownsville Station (Rhino)

bodum - Sly and the Family Stone

Um grande amigo meu costuma sempre dizer:
"O Sly tem que ascender uma vela todos os dias para o organizador do festival de Woodstock!"
Para esse meu amigo, o maior mérito da carreira da banda foi participar de tal festival, o que não deixa de ser verdade, porém o Sly and The Family Stone colecionou muitos outros méritos durante sua fase áurea, portanto vamos às glórias.

A formação da família

Quanto à sonoridade, o Sly and The Family Stone surpreendeu logo de cara. Uma mistura de funk, soul, psicodelia, rock e R&B. Trabalhados arranjos vocais, metais "azeitados", uma cozinha que levantava defunto e para ajudar ainda mais, o grupo também criava geniais melodias pop. Na mesma banda: negros e brancos; homens e mulheres, todos com uma única função – botar a galera para dançar até não poder mais. Fora esse alto astral que a banda mostrava no palco, uma forte mensagem política era abordada nas letras da banda. Essa postura de contestamento social criada pelo Sly, passou a ser influência para tudo que surgiu depois em termos de hip-hop, funk, soul e o rap. A música negra americana começou essa "revolução" justamente com o Sly and the Family Stone.

Antes de virar Sly Stone, Sylvester Stewart nasceu no Texas em 15 de março de 1944. Nos anos 50 sua família se mudou para São Francisco, onde tudo era muito mais interessante para um jovem, do que o "careta" e racista Estado do Texas. Em "Frisco" o jovem estudou composição, teoria musical e trompete no Vallejo Junior College no início dos anos 60. Começaram suas primeiras experiências com bandas da região. O curioso é que nessas bandas, ele sempre estava acompanhado de seu irmão Fred.

Como essas bandas não "viravam", Sly descolou um trampo de disc jóquei numa rádio local. O barato é que isso foi uma "ponte" para ele começar a trabalhar na produção de discos de alguns renomados artistas da região, como os Beau Brummels, o Mojo Men, o The Great Society e até Bobby Freeman.

Em 1966, é formado o "the Stoners", que logo no ano seguinte se transformou no the Family Stone que tinha além de Sly, seu irmão Fred Stewart nas guitarras e vocais, Larry Graham Jr no baixo e vocais, Greg Errico na bateria, Jerry Martini no sax, Rosie Stone no piano e vocais e Cynthia Robinson no trompete e vocais. Em pleno 1967, o som da banda era totalmente diferente das demais bandas de São Francisco, como o Jefferson Airplane e o Grateful Dead.

Conseguem emplacar um hit local com "I Ain't Got Nobody" pelo selo Loadstone. O single rendeu um contrato com a Epic que lançou no fim de 1967 a estréia do grupo em vinil – "A Whole New Thing" que passou despercebido do grande público. Em 1968 saem mais dois discos: "Dance to the Music" - que levou a faixa título às paradas de sucesso, e "Life" - que ainda estava apenas preparando o mundo para a explosão que estaria por vir.

Capa da Rolling Stone de março de 1970

Blackbird Music Shop
CDs, DVDs e Livros
Rock anos 60 e 70 - Beatles - MPB
www.blackbird.com.br
Telefax: 3141-9690
Av. Paulista, 1499 - loja 52 - Galeria Trianon - Piso Casa Branca
São Paulo - SP

"Um veículo fora do comum"
BARATOS AFINS DISCOS
Pioneira dos Independentes
25 anos de descompromisso com o sucesso!
home page: http://www.baratosafins.com.br
e-mail: baratosafins@baratosafins.com.br
Fone: (11) 223-3629 - Fax: (11) 3361-3459
Av. São João, 439 - 2º andar - Lojas 316/318 - CEP: 01035-000
São Paulo - SP - Entrada também pela Rua 24 de Maio, 62

Tem um tumulto acontecendo

O ano de 1969 foi um grande marco para a banda. Primeiro porque foi nesse ano que eles lançaram "Stand", um disco perfeito do começo ao fim. Nele apareciam coisas como "Everyday People", "I Want To Take You Higher", "Sing a Simple Song" e a própria "Stand". E segundo porque no mês de agosto eles participam do festival de Woodstock, arrebatando uma nova legião de seguidores que ficaram completamente embasbacados com a energia e com o vigor do show mostrado naquela noite. O Funk era levado ao grande público, e o país inteiro já estava conquistado.

Bem no auge da popularidade e sucesso, o líder Sly começou a abusar de drogas pesadas. Era comum o astro chegar atrasado nas apresentações, ou mesmo, não chegar, fazendo com que o resto da família começasse a perder a paciência com essas atitudes do líder da banda. Tudo o que ele pregava em suas canções, aquele alto astral e espírito de união, passou a não fazer sentido para ele próprio.

O clima ia pesando cada vez mais e o resultado está em "There's a Riot Going On" de 1971. Não que o disco seja ruim, muito pelo contrário, ele é maravilhoso. Se tornou um verdadeiro marco da música negra norte americana dos anos 70, indo direto ao topo da paradas. Era um novo tipo de sonoridade aflorando; os vocais não eram mais gritados, agora apareciam meio que preguiçosos e desleixados, o baixo era mais poderoso e insinuante, e as letras eram pura apologia ao movimento Black Power – tudo colaborando para que "There's a Riot..." se tornasse o disco mais obscuro e paranóico da banda. Em 1972 a "família" está desestruturada. Greg Errico e Larry Graham Jr. abandonam o grupo. Graham se deu bem ao formar o genial Graham Central Station, que causou um certo furor na cena black da época.

Dançando de acordo com a música

Os novos integrantes eram Rusty Allen e Andy Newmark, e é com essa formação que sai "Fresh" em 1973. O disco, bem bacana por sinal, trazia uma genial versão para "Que Sera Sera, Whatever will be will be", além de "If You Want Me To Stay". Esse pode ser considerado o último grande trabalho da banda.

Ainda naquele ano de 1973, o grupo lançou "Small Talk", que por incrível que pareça trazia a capa como maior atração. Em 1975 sai "High On You" creditado apenas como um disco de Sly Stone, o que serviu apenas para confirmar a perda de popularidade e força da banda.

A onda Disco foi crucial para a decadência de Sly. Sem força e coragem para competir com esse novo movimento, o músico se entregou a cocaína e passou por maus bocados, inclusive arranjando sérias complicações com a lei. Toda essa má fase culminou com o artista sendo despedido da Epic em 1979. No mesmo ano, Sly foi contratado pela Warner Bros, o que mostrou que alguém ainda acreditava no rapaz. Infelizmente o resultado foi "Back on the Right Track" que apesar de contar com os membros originais da Family Stone, foi um fracasso comercial e malhado pela crítica especializada.

Cansado de fracassos, Sly resolveu juntar forças com George Clinton e seu Funkadelic (outra genial banda que logo logo irá aparecer aqui na Poeira). Ele aparece no disco "The Electric Spankin' of War Babies" de 1981 e chegou até a sair em turne com o P-Funk All Stars de Clinton. Em 1983 sai "Ain't But The One Way", lançado como Sly Stone. Mais uma vez o disco foi ignorado, e ainda naquele ano Sly é preso por porte ilegal de cocaína.

Bobby Womack preocupado, oferece tratamento para seu ídolo, e acaba levando Sly para uma tour por toda a América.

Aparentemente reabilitado, em 1986 surgem bons momentos para o cantor como uma participação no hit de Jesse Johnson chamado "Crazay" e um dueto com Martha Davis em "Love & Affection" que aparecia na trilha sonora do filme Soul Man. Em 1987 Sly tem uma recaída e mais uma vez é preso por porte de cocaína. Ele praticamente abandonou a vida artística nesse período, e o que se sabe é da dura batalha do músico para vencer o vício das drogas.

Depois de anos de reclusão, Sly reapareceu publicamente em 1993, na cerimônia onde o Sly and the Family Stone foi indicado para o Rock N' Roll Hall of Fame. As últimas notícias dão conta que em 1995 a Avenue Records ofereceu um contrato para Sly voltar a gravar. Até agora, a banda nem sequer foi reunida. Alguém sabe por onde ele anda?

Discografia Selecionada

Stand (1969)***** – clássico absoluto da banda. Retrato não só musical, mas também social de um período. Tem clássicos do calibre de "Everyday People", "I Want To Take You Higher", "Sing a Simple Song" e a emblemática "Stand".

There's a Riot Going On (1971)**** – diferente dos trabalhos anteriores do grupo, esse aqui é mais sólido, introspectivo e de certa forma, mais depressivo. No Brasil saiu em 1972 com capa e nome diferentes – a capa tinha a bandeira norte-americana e o título era "Family Affair". É indicado em especial aos que acham o Jamiroquai uma banda super inspirada. Tem até uma música chamada "Spaced Cowboy"! (hahaha)

Fresh (1973)*1/2** – apesar de já contar com alterações na "família", esse aqui é uma ótima pedida também. Além da capa histórica, traz uma surpreendente versão de "Que Sera Sera Whatever Will Be Will Be", que por si só já vale o investimento.

Anthology (1981)***** – coletânea lançada pelo selo Epic, que passa a limpo a melhor fase da banda. São 20 músicas que fazem bem à alma e só trazem boas vibrações ao ouvinte. O legal é que aqui aparecem coisas que antes só haviam sido lançadas como compactos, e portanto não constam em discos oficiais do grupo – como "Hot Fun In The Summertime", "Thank You (Falettinme Be Mice Elf Agin)" (parece nome de música do Slade), e "Everybody Is A Star". É colocar e sair dançando pela casa.

A Whole New Thing (1967)

Dance to the Music (1968)

Life (1968)

Stand! (1969)

There's a Riot Going On (1971)

Fresh (1973)

Anthology (1981)

como é a vida de um Bolha !

Desde quando comecei com o hábito de ouvir música e comprar discos, minha mãe criou um jeito carinhoso de me apoiar:

_ Filho, deixa de ser BOLHA!

O engraçado é que ela também batizou de "bolha" todos aqueles meus amigos que também tinham como hábito, ouvir e colecionar discos.

Discretamente conversando com ela a respeito, descobri algumas informações sobre os "bolhas".

1 – Um "bolha", apesar de ter cara de besta e de solitário, é feliz, e se contenta com pouco; para ele, uma noite perfeita de sábado, é apenas o fato dele se sentar em casa (sozinho é lógico), e ouvir os discos que adquiriu, já que passou o dia inteiro vasculhando em sebos e feiras.

2 – Um dos momentos de maior prazer do "bolha", é antes de ouvir esses discos recém adquiridos, lavar os mesmos com sabão de côco, e durante a limpeza ele também vai prestando atenção no estado e na conservação da peça.

3 – "Bolha" faz "homenagem" à sua banda favorita. A "homenagem" consiste em ouvir todos os discos de tal grupo em seqüência expondo pela casa as capas, e se possível colocando algum vídeo ou show do grupo homenageado para rolar na TV. O dito cujo senta e fica se deleitando com o espetáculo, que ás vezes pode durar um fim de semana inteiro.

4 – Em níveis mais avançados, tem "bolha" que até rouba. Isso é verídico, e aconteceu numa famosa loja que existiu em São Paulo: um "bolha" fez um assalto a mão armada e ao ser ofertado com dinheiro pela dona do estabelecimento ele exclamou: "Não quero dinheiro, eu quero o LP "Italianíssimo" do Jerry Adriani!"

5 – Isso também aconteceu; o "bolha" vai viajar com a namorada para Florianópolis, e lá se encontra casualmente com outro "bolha" (solteiro) já velho conhecido aqui de São Paulo. A maioria do passeio, o cidadão abandona a gata na praia e vai com seu amigo "bolha" fazer um tour em todos os sebos da cidade!

6 – Outro caso verídico: o "bolha" agenda uma lua de mel no exterior, a esposa fica toda alegre, mas quando chega lá, acaba ficando sozinha no quarto do hotel, porque o mané foi ao show da sua banda favorita.

7 – "Bolha" sabe bem o gosto do amigo. Leva o cara em casa, e fica entuchando cerveja no coitado. Quando o amigo tá no ponto, o "bolha" bota aquele puta som (que ele sabe que o amigo ama) no dez, e fica rindo da cara do sujeito que fica de joelho no chão tocando uma guitarra imaginária.

8 – Tem "bolha" que copia toda sua coleção em CD-R, e guarda esse "back-up" na casa de um parente, caso a sua coleção seja roubada, ou sua casa pegue fogo.

9 – O "bolha" que é casado, fica torcendo para a mulher ir fazer compras. Quando ela sai de casa, a primeira coisa que ele faz é colocar um disco duplo do Miles Davis, que tem só duas músicas (50 minutos cada uma em média); coisa que ele nunca teria a possibilidade de ouvir ao lado da parceira.

10 – Mãe de "bolha" também sofre. Quando ele consegue arranjar uma mulher e casa, geralmente a sua nova companheira não permite que o "bolha" leve os seus milhares de LP's fedorentos para o minúsculo apartamento. Sobra para a mãe, que fica com o prêmio em casa.

Se você se identificou com alguma dessas situações, não se desespere. Os "bolhas" são a melhor companhia para ficar jogando conversa fora numa mesa de bar (desde que a outra pessoa também manje de música). E se você namora ou já é casado, levante as mãos para o céu, pois agüentar um "bolha" tempo integral, não é qualquer uma que consegue. Antes de encerrar, acabei de lembrar uma outra mania muito corriqueira na vida dos "bolhas": a criação de "listas" o tempo inteiro. "Os dez melhores", "os cinco mais importantes", e por aí vai (repare que no meio da crônica estão "listadas" 10 características dos "bolhas").

Bento Araújo

(com agradecimentos especiais para a minha mãe, e para a minha namorada).

ROCK N' ROLL SOUL

Ricardo Alpendre - Marcelo Watanabe
Bento Araújo - Paulo Thomaz

O MELHOR DO ROCK DOS ANOS 60 E 70:
Grand Funk - Free - Rory Gallagher - Neil Young
Aerosmith - Cream - Rolling Stones
Creedence - Doors - Status Quo e muito mais...

Contatos para shows:
(11) 3815-5439 (Marcelo Watanabe)
(11) 9526-7947 (Bento Araújo)

METAL

CD's - DVD's - LP's - VHS - CAMISETAS

Atendemos pelo correio para todo o país

Fone:(11) 4994-7565
Fax:(11) 4436-5500
www.metalcd.com.br
metalcds@terra.com.br

Rua Dona Elisa Fláquer, 184 - Centro - Santo André

Laticínios Nossa Boca

Fone/Fax: (11) 4412-8567

Estrada Boa Vista, Km 9 - CX.P. 396
Cep 12940-000 - Atibaia - SP

RÁDIO CORSÁRIO

O PROGRAMA DE METAL MAIS IRADO DO SEU DIAL

IMPRENSA FM 102,5
DOMINGO DAS 22:00 as 24:00 hs

A BARATA

LIBERDADE DE EXPRESSÃO E EXPRESSÃO DE LIBERDADE

rock e atitude!

Confira a coluna da poeira Zine em
www.abarata.com.br/coisas/poeira

mais que um símbolo de um estilo

Grand Funk Railroad

No final dos anos 60, milhares de jovens foram influenciados pelos maravilhosos power-trios tão em voga na época. Cream e o The Jimi Hendrix Experience eram os melhores também para um grupo de jovens nascidos em Flint, Michigan. A diferença é que esses jovens também ouviam muito rádio, que tocava coisas da Motown e o soul de Memphis. A mistura dessas tão distintas influências, gerou o maior trio que a América teve o orgulho de parir - O Grand Funk Railroad.

Hábitat natural: o palco

O surgimento

O Estado de Michigan, nos EUA, foi o berço das maiores bandas de garagem da América. O famoso "som de Detroit" e seus arredores como Saginaw e Flint, ficou caracterizado pela incrível agressividade, força e volume que suas bandas nativas geravam. Exemplos como The Stooges, The MC5, Ted Nugent's Amboy Dukes, Bob Seger System, Cactus e Alice Cooper, mostram que Detroit era a "capital nacional do som de garagem" em contrapartida ao som lento e viajante da costa Oeste, vide a psicodelia de São Francisco.

Em 1964, foi criado o "Jazz Masters" em Flint. Liderada pelo baterista Don Brewer, a banda foi fazendo muito barulho pelos clubes e escolas da região. Isso até aparecer na vida deles em 1967, Terry Knight, que era um pouco de tudo; cantor, disc jóquei e empresário. Agora batizada de "Terry and The Pack", a banda gravou uma versão em compacto para "I Who Have Nothing" de Ben E. King que alcançou uma modesta 46° colocação nas paradas de sucesso.

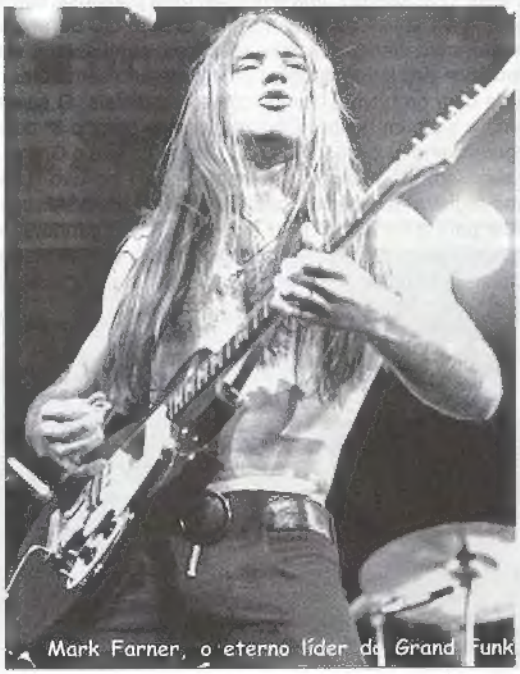
O problema é que Terry cantava muito mal, e a solução foi fazer com que o guitarrista do grupo, Mark Farner, assumisse também a função de vocalista. Terry ficou magoado e abandonou o grupo, se lançando numa pra lá de fracassada carreira solo. O grupo agora se chamava "The Pack" e contava com Don Brewer(bateria), Mark Farner(guitarra e vocais), Craig Frost(teclados) e Rod Lester(baixo). Terry pede para voltar e novas mudanças acontecem; Frost e Lester são dispensados, eles apostam todas suas fichas no poderoso formato "power-trio", chamando Mel Schacher - um antigo colega de escola de Mark - para o baixo. Em homenagem a famosa estrada de ferro que ligava Michigan a Ontário chamada "Grand Trunk and Western Railway", o "The Pack" passa a se chamar "Grand Funk Railroad" em março de 1969.

A estréia

O astuto Terry Knight descola para "seus meninos" uma ponta como banda de abertura do Atlanta Pop Festival em 4 de julho de 1969. Sem nenhum disco lançado, os garotos do GFR não tinham nada a perder. Era a maior oportunidade de suas vidas; imaginem só, três moleques dividindo o palco com Led Zeppelin, Johnny Winter e Janis Joplin, diante de uma audiência de mais de 180.000 pessoas! A banda se apresentou de graça e roubou completamente o show. Eram três dias de festival, e a performance de estréia foi tão avassaladora, que no último dia de festival a banda foi promovida a headliner. De boca em boca o até então desconhecido trio, passou a ser falado por toda América. Vale lembrar que Mark Farner considera esse o melhor momento do GFR, foi quando eles se tornaram da noite para o dia, os novos heróis do rock pesado.

É lógico que com toda essa falação ao redor do grupo, a Capitol Records caiu matando e ofereceu um tentador contrato para a banda, lançando apenas três semanas após o festival, o primeiro single - "Time Machine" - já pela nova estampa.

Finalmente é lançado em 25 de agosto de 1969, "On Time", primeiro álbum do trio, que se por um lado foi malhado pela crítica, por outro, foi um verdadeiro sucesso nacional. A turnê de promoção do disco foi no mínimo histórica. Em todos locais onde a banda passava a recepção do público era parecida com a do festival em Atlanta. No Fillmore East de Nova Iorque, apenas duas semanas com "On Time" nas prateleiras, a platéia já pedia por suas músicas preferidas do álbum.



Mark Farner, o eterno líder do Grand Funk

Apavorando o Led Zeppelin

A maior prova da força e poder das apresentações do GFR, foi a turnê em que eles abriram para o Led Zeppelin. No Detroit's Olympia Stadium, a reação da platéia foi tão intensa durante a execução de "Inside Lookin' Out" que o truculento Peter Grant (encrenqueiro empresário do Led), desligou a energia elétrica, impedindo que o Grand Funk terminasse a canção. Como se isso não bastasse, ele agarrou Terry Knight pelo pescoço e ordenou que a banda fosse retirada do palco imediatamente. O esperto Terry calmamente caminhou para o meio do palco, acenou para que a banda parasse de tocar, e soltou no microfone:

" O Led Zeppelin está com medo do Grand Funk Railroad!"

A platéia começou a vaiar, e a banda deixou o palco, ovacionada pelo público. Quando o Led Zeppelin subiu para fazer seu show, metade do estádio tinha ido embora. Algo semelhante aconteceu no show de Cleveland, e o Grand Funk foi "despedido" da tour, nunca mais sendo convocado para tocar no mesmo festival que o Led Zeppelin. Genial.

Barulho Vermelho

Em dezembro de 1969 é lançado o segundo álbum intitulado simplesmente "Grand Funk". Absurdamente pesado, o disco definiu o tão famoso "Grand Funk Sound", levando a banda a um nível único dentro do rock pesado. A produção era cuidadosamente crua e rústica, e até hoje, o "disco vermelho" é considerado pelos fãs como uma das melhores coisas que o trio já fez. Um mês após o lançamento, o álbum já estava no 11º posto das paradas americanas e assim como "On Time", também se tornou disco de ouro nos EUA - o que não fez mudar a opinião dos críticos - que continuavam descendo a lenha no conjunto. Já para os fãs, a América já tinha um power trio à altura dos britânicos do Cream. Nessa época, o baixo de Mel Schacher passa a ter um som único; fruto de muito estudo ao lado do produtor Terry Knight. Eles conseguem um potente som distorcido para o instrumento. Muitos falantes estourados depois, a "West Amplifiers" constrói especialmente para Schacher, modelos exclusivos, os únicos que conseguem segurar o pique do grupo.

A banda se lança numa turnê de 97 shows por todo o continente. Abrem shows para Ten Years After, Joe Cocker e Fleetwood Mac, e continuam roubando o espetáculo com seu show cheio de raça, energia e juventude. Ao vivo, a banda se jogava em cena como se fosse a última vez que fossem pegar num instrumento. Essa foi uma característica definitiva na carreira da banda, que durou até os seus últimos shows. Mark é o mestre de cerimônias; canta, toca e dança por todo o palco. Don massacra seu kit de bateria, canta e levanta todo mundo aos berros: "I want to take your higher!" Já Mel segura a bronca com um peso absurdo, criando um groove único dentro do rock.

"Closer to Home" é lançado em junho de 1970, e vai direto para o 6º lugar nas paradas. O álbum traz uma produção mais pomposa, contando também com composições mais sofisticadas de Farner. O som crú de antes agora aparece em novo formato, com piano, guitarras acústicas, percussão e até arranjos com orquestra! A temática das letras também muda, girando sempre em torno da preocupação da banda com problemas ecológicos e ambientais. O sucesso com o público só aumenta e o álbum também ganha disco de ouro, o 3º consecutivo. No ano de 1970 ninguém vendeu mais discos na América do que o Grand Funk Railroad. No embalo do sucesso, em novembro lançam o duplo ao vivo "Live Album", que funcionava como registro daquela histórica tour. Nada mal, 3 discos por ano era uma grande média para a banda, e "Live Album" também ganhava ouro, mesmo antes de ser lançado. Pouco depois já se tornava disco duplo de platina, vendendo 2 milhões de cópias. O formato "live" era o habitat natural da banda, e toda aquela genial performance foi transportada para o vinil.

Em agradecimento aos fãs, Terry coloca um imenso outdoor com o rosto dos três em pleno Times Square de Nova Iorque.

funk power

Na época do vinil era uma verdadeira Via Crucis achar todos esses discos. Nos anos 70, um tio de um grande amigo meu, trocou sua motocicleta por alguns LP'S do grupo! Já na era do CD, até pouco tempo atrás, os obstáculos eram semelhantes - muitos títulos só estavam disponíveis no mercado japonês - ou nem mesmo tinham sido editados ainda no formato digital ! Para alegria geral, a Capitol/EMI relançou 12 discos da melhor fase da banda, todos remasterizados, com atraentes faixas bônus e um encarte caprichado. No Brasil já sairam os oito primeiros, ou seja, da estréia com "On Time", até o ápice comercial do grupo - "We're An American Band".

On Time - 1969 ****1/2

Não é exagero dizer que essa é uma das maiores estréias do rock. O disco foi gravado em apenas três dias e todas as faixas foram compostas por Mark Farner. Tudo começava com"Are You Ready", mostrando os poderosos vocais de Mark e Don. Essa se tornaria a música de abertura de todos os shows nessa fase. "Time Machine" se transformou no primeiro single, e trazia uma irresistível levada blues. "T.N.U.C.", com seus quase 9 minutos de duração, é uma verdadeira "orgia rítmica", devido ao histórico solo de bateria executado por Don Brewer. "Heartbreaker" foi o segundo single, e até hoje é presença obrigatória nos concertos do grupo. A influência psicodélica pode ser sentida na introdução de "Into the Sun". Curiosidade: o capricho do produtor/empresário Terry Knight era tamanho, que mais de 30.000 cópias do disco foram destruídas pela gravadora Capitol, pois o mesmo não tinha "gostado" da arte original da capa!

Grand Funk - 1969 *****

O popular "vermelhão" mostrava o verdadeiro "estilo Grand Funk". Foi com esse disco que o trio achou a sua própria e peculiar sonoridade. Sem grana, o trio não podia queimar muitas horas de estúdio e as músicas foram gravadas na maioria das vezes no primeiro take. Tudo é maravilhosamente "tosco"; o timbre de baixo conseguido por Mel Schacher é algo a ser estudado por físicos. A produção de Terry Knight é um verdadeiro "tapa na cara", como em "Paranoid", onde todo o som cavernoso do trio se transforma num irresistível groove pesadíssimo. Faixas como "Please Don't Worry" e "Mr. Limousine Driver" fazem qualquer velhinha com reumatismo sair chacoalhando o esqueleto! Já "Inside Looking Out" é um caso a parte, umas das melhores atuações já registradas pela banda. Se você quiser manter seus falantes intactos, passe longe desse álbum!

funk power

Closer to Home - 1970 ****

Ainda "100% Grand Funk Railroad", o terceiro disco do trio trazia todos os elementos necessários para qualquer fã fazer a festa. Muito peso e groove são os destaques do álbum, que é um pouco mais "sofisticado" que o anterior. "Aimless Lady" tinha uma mortífera linha de baixo; "Mean Mistreater" traz Mark numa confidencial e emotiva interpretação no piano; "Hooked on Love" com vocais soul a granel; e o épico desfecho com "I'm Your Captain/Closer To Home", onde o peso do trio contrasta com suaves e belos arranjos de orquestra, transformando a canção num verdadeiro hino dos anos 70!

Live Album - 1970 ***1/2

Toda energia e força que era um show do Grand Funk transportada para o vinil. Apesar da gravação não ser lá essas coisas, o disco é muito empolgante. Na abertura de "Are You Ready", a galera grita tanto que fica até difícil de ouvir os instrumentos! Em "Into the Sun" o público enlouquece com a performance de Mark, e na certeira "T.N.U.C." é a vez de Don deixar todos boquiabertos com seu monstruoso solo de bateria. O mais legal é que o vigor e a intensidade dos músicos é tanta, que durante a execução de alguns temas, é possível ouvir pequenos gemidos e a respiração acelerada dos mesmos, diante do esforço demonstrado. "Mark Says Alright" é a única composição inédita do disco, apenas uma jam onde Don "guia" quando o baixo e a guitarra devem entrar. Alguns fãs juram de pé juntos, que na mixagem, Terry Knight "aumentou" o barulho da platéia, transformando o disco num imenso "gol do fantástico".

Survival - 1971 ****

Apesar do som continuar mais pesado do que nunca, a produção aqui é mais polida e suave. Basta checar "All You've Got Is Money", onde a bateria soa bem "soft". Generosas doses de reverb e eco são usadas durante o disco, que foi um grande passo para a banda em vários aspectos; produção, temas das letras e performance no estúdio. Outros destaques são as regravações de "Gimme Shelter" e "Feelin' Alright", que se encaixaram perfeitamente no estilo da banda,e a gospel "I Can Feel Him In The Morning". Terry Knight era um grande fã dos Beatles, e isso refletiu em cheio no disco. Ele obrigou Don Brewer a gravar

Banda do povo

Em abril de 1971 lançam "Survival" que trazia o clima da capa para dentro das músicas, simplesmente cavernoso (no bom sentido é claro). Discos de ouro já eram rotina, e dessa vez o disco chega a 5º nas paradas. Talvez a capa mais marcante da banda, onde os três apareciam como homem das cavernas. A contra capa do LP, trazia um texto assinado por Terry, onde elé dizia sobre o nascimento de um bebê durante um show da banda; o mais bizarro é o fato do bebê ter sido batizado de "Grand Funk Railroad"! Mais tarde, Mark afirmou nunca ter sido apresentado à criança, e que tudo não passava de um fruto da forte imaginação de Terry. Mesmo com todo o "barulho" por conta dos fãs do grupo, a crítica continua a ignorá-los. Prova maior disso, foi a fracassada coletiva para a imprensa organizada por Terry. O empresário alugou um famoso hotel de Nova Iorque para a ocasião e convidou os 150 jornalistas mais importantes dos EUA. Apenas seis apareceram! Isso só confirmava a imagem de "banda do povo" que o Grand Funk alimentava.

A turnê seguinte, tendo o Humble Pie como banda de abertura, foi das mais bem sucedidas. Dessa vez, o velho continente foi conquistado. Ingressos esgotados, estádios lotados, e fãs alucinados. Esse era o dia a dia do Grand Funk Railroad. No Hyde Park em Londres, a banda se apresenta como headliner com um público de mais de 100.000 pessoas.

Shea Stadium

A volta para a América não poderia ter sido melhor - para o show do Shea Stadium em Nova Iorque, os 55.000 ingressos se esgotam em míseras 72 horas! O recorde anterior pertencia a ninguém menos que os Beatles, que venderam o mesmo número de ingressos só que em 80 dias!

Depois de tanto barulho, finalmente a banda tira seis semanas de folga, e logo começam a se preparar para o próximo disco.

O melhor ainda estava por vir, e em novembro de 1971, lançam o seu melhor trabalho, "E Pluribus Funk". Logo de cara a capa já surpreendia. O LP vinha embalado dentro de uma luxuosa moeda prateada com os rostos dos integrantes. Um mês após o lançamento, o disco alcança o 5º posto das paradas, onde fica por mais 30 semanas consecutivas. "O disco da moeda", como ficou conhecido aqui no Brasil, foi gravado em apenas cinco dias - o que refletiu diretamente no pique das composições, dessa vez todas assinadas por Farner. Mais uma bem sucedida turnê européia é realizada, tendo dessa vez o Mott The Hoople como banda de abertura, e para celebrar tanto sucesso, uma compilação dupla com o nome de "Mark, Don & Mel" é lançada em abril de 1972, passando a limpo toda a genial fase que o grupo vinha atravessando.

Terry se preocupava mais com a postura e com o visual do que com o som. Essa "mania", incomodova os garotos da banda, que desconfiados acabaram despedindo Terry Knight, acusando-o de mau gerenciamento nos negócios. A verdade é que Terry "sufocava" a banda, criando uma série de imposições desnecessárias, ditando desde o que eles deveriam vestir, até o que deveriam fazer nos concertos. A separação não é nada amigável, e começam a rolar uma série de processos e ofensas pessoais, entre a banda e Terry.

Bad Time

Toda a crise interna que a banda vinha atravessando reflete no próximo álbum, "Phoenix" lançado em setembro de 1972. Gravado em Nashville, o disco trazia muitas mudanças; a começar pelo nome, que agora é reduzido somente a "Grand Funk". O antigo tecladista do "The Pack" - Graig Frost - aparece como convidado no álbum, e logo seria efetivado como o 4º membro da banda. Todos os temas são mais voltados para os teclados, Brewer começa a compor e a cantar mais também; acrescentando um estilo mais pop do que o de Farner. O baixo não soa mais como um trator, e uma certa melancolia gira em torno das músicas. Além do que, é a primeira vez que a banda se auto-produz no estúdio. Apesar de toda confusão, emplacam o single "Rock N' Roll Soul", que era a única canção "100% Grand Funk" do disco. Na estrada, a tour começou mal das pernas. No primeiro show em Seattle, apenas 4.000 fãs apareceram - em se tratando de uma banda que se apresentava com freqüência para um público de 50.000 por noite - era muito pouco. Para piorar ainda mais a situação, no show do Madison Square Garden, Terry Knight apareceu escoltado por xerifes e policiais para confiscar todo o equipamento da banda. A verdade é que todo esse equipamento foi adquirido no nome de Terry mesmo, e a apreensão foi inevitável. Assim que terminou o espetáculo, a banda se viu numa situação constrangedora - todo o equipamento - as guitarras, a bateria, amplificadores e PA's foram levados por Terry!

O Voô da Fênix

O ano de 1973 se tornaria o mais importante para a banda. No mês de julho é lançado "We're An American Band" produzido por Todd Rundgreen. O disco vai direto para o 2º lugar nas paradas, e a faixa título, por sinal um verdadeiro arrasa quarteirão cantado por Brewer, alcança a 1º posição, se tornando o maior hit da banda. Pela primeira vez conseguem elogios da crítica, talvez pelo novo formato mais comercialmente acessível das novas composições. Nessa época foi criado o famoso logo com "a mão apontando o dedo", que se torna uma marca do Grand Funk Railroad. A banda tinha muito orgulho de ser considerada nesse ponto de sua carreira, a única resposta "genuinamente americana" ao sucesso das bandas inglesas, tais como o Led Zeppelin, o Deep Purple e o Black Sabbath. A turnê que promovia o disco colocou a América de quatro, com ingressos esgotados e fãs enlouquecidos. O novo palco trazia uma inovação para a época, um imenso telão que passava trechos pré-gravados da banda em estúdio, ou simplesmente se divertindo. O que pouca gente sabe, é que durante essa tour, a banda foi convidada para vir tocar no Brasil, o que infelizmente não aconteceu devido a compromissos com a gravação do disco seguinte.

Aproveitando o embalo, Todd ainda produz mais um álbum; "Shinin' On" de março de 1974. Dessa vez a banda optou por construir um estúdio no rancho de Mark Farner, trazendo um sentimento mais "Closer to Home" para as gravações. A capa mostrava um novo e sensacional visual em 3D inspirado na onda do Glam rock. Fora isso, de brinde, um óculos 3D acompanhava a bolacha. Musicalmente, Brewer e Frost marcam presença de forma definitiva no álbum; Brewer cantando e compondo várias canções, e Frost "temperando" tudo com seu órgão Hammond. A regravação de "The Locomotion" (autoria de Carole King, mas gravada por Litlle Eva), se torna o chamariz, chegando também ao 1º lugar das paradas.

O álbum "All the Girls In the World Beware", de dezembro de 1974, traz muita influência soul. A capa, trazia uma montagem de gosto duvidoso. O rosto dos integrantes era sobreposto num corpo de campeões de fisiculturismo, fazendo uma alusão ao título do disco. Na parte musical, o som pesado de antigamente não se faz mais presente, e muitos metais dão o tom da nova fase vivida pelo Grand Funk. "Bad Time" se tornou a música mais tocada em 1975; e o disco foi o 10º consecutivo a ganhar ouro. Nessa época uma histórica homenagem foi concebida a banda pela RIAA (Record Industry Association of América), que presenteou o grupo com nada menos que 10 discos de platina pelos seus trabalhos anteriores. A tour de promoção do disco gerou o 2º registro ao vivo da banda "Caught in the Act", que mostrava que ao vivo, o Grand Funk ainda continuava sendo uma das grandes bandas do rock pesado.

Após anos de convívio, os integrantes esgotados querem parar; só que antes lançam o pouco inspirado "Born To Die" em janeiro de 1976, que é considerado o pior disco da banda. Uma breve audição no álbum já é o bastante para sentir que o clima entre eles não era dos melhores.

crítica e público se renderam a maior banda da América

funk power

com toalhas sobre as peles da bateria, fazendo com que a mesma soasse mais abafada e suave, assim como a de Ringo Starr! E quanto à parte gráfica, a primeira prensagem norte americana do vinil, vinha com fotos individuais dos integrantes do grupo, idênticas as do Álbum Branco dos Fab Four.

E Pluribus Funk - 1971 *****

A maioria dos fãs do grupo foram "iniciados" com o "disco da moeda", que pode ser considerado o melhor por vários motivos. Uma rápida audição, já demonstra não ser tão somente mais um disco do Grand Funk. O auge dos caras é evidente; "I Come Tumblim" chega a emocionar, com o baixo e a bateria duelando como gato e rato; "People Let's Stop The War", com sua letra contra a guerra do Vietnam, levanta até defunto; e a faixa de abertura "Footstompin' Music" se tornou não só o maior hit deles até então, como substituiu merecidamente "Are You Ready" como música de abertura nos concertos do trio. Já "Loneliness" é de arrepiar; angustiante e bela, a composição cresce até se transformar numa perfeita junção de rock pesado com arranjos de orquestra. Jon Lord, tecladista do Deep Purple e uma sumidade no assunto, jurou essa ter sido a mais bem sucedida tentativa de se unir o rock com uma orquestra! Mark Farner, que usou uma guitarra comprada de Steve Marriot do Humble Pie para gravar o disco, mais uma vez compõe sozinho todo o material, criando talvez o seu mais pessoal registro com a banda. Talvez por estarem "podados" por Terry no disco anterior, nesse aqui a sensação é de que todos integrantes estão prestes a explodir, tocando como nunca, com muita vontade e animação. Muito mais bacana é a edição em vinil, que traz o disco embalado numa moeda prateada, estampada com os rostos do trio.

Phoenix - 1972 ***1/2

O temido "disco de transição", onde tudo soa diferente. Sem a batuta de Terry Knight, o grupo pareceu meio confuso ao entrar em estúdio. Foi o primeiro álbum onde a própria banda resolveu "assumir os botões" e se auto produzir. O resultado foi um tanto assustador para os ardorosos fãs da época. O tecladista Craig Frost aparece como convidado, e logo na faixa instrumental que abre o disco "Flight of the Phoenix" já dá pra sentir a diferença do som com o emaranhado de teclados de Craig e Mark. Don Brewer também tem uma participação mais atuante no disco, onde canta "She Got To Move Me" e "Gotta Find Me A Better Day".Mas o melhor estava guardado paro o final - "Rock N' Roll Soul" é Grand Funk em estado bruto - peso e swing em doses cavalares.

funk power

We're An American Band 1973 ****1/2

Altamente recomendável, o disco foi produzido pelo gênio pop Todd Rundgreen e continha o maior hit do grupo, "We're An American Band" Don Brewer veio numa crescente ascendência que culminou nessa explosiva faixa título, que se tornou um verdadeiro hino de celebração ao estilo de vida roqueiro. Pela primeira vez, a crítica se rendia ao som do grupo, que agora se tornara um quarteto com Craig Frost sendo promovido a titular. "Creepin" mostrava uma maturidade nunca antes imaginada, carregada de clima e muito feeling. "Walk Like a Man", "Black Licorice" e "Stop Looking Back" também traziam os vocais de Don, num álbum onde pela primeira vez, ele brilhava mais do que Mark. Já a balada "The Railroad" é um dos melhores momentos do grupo, uma definitiva e imortal interpretação de Mark, com direito a uma simulação de uma locomotiva a todo vapor no final da faixa! Foi o disco que deu status de supergrupo ao GFR, sendo aqui uma unanimidade entre crítica e público. Alguns fãs mais antigos acusavam a banda de estarem fazendo um som muito comercial, mas para cada fã radical que o grupo perdia, eles ganhavam outros dez em troca! Coisa fina: as primeiras prensagens do vinil foram prensadas em vinil

Caught In The Act - 1975

*****

Gravado durante a extensa tour de 1975, pode ser considerado o melhor registro ao vivo da banda, já que pelo menos em qualidade sonora, esse aqui dá de dez no "Live Album" de 1970. Excitante, poderoso e intenso, o disco mostrava uma banda pra lá de "azeitada", tamanha a garra e o entrosamento mostrado. A abertura não poderia ser mais perfeita do que "Footstompin' Music", onde Brewer marca o andamento com pancadas de bumbos entusiasmados! "Rock N Roll Soul", "Heartbreaker" e "The Railroad" também aparecem em versões memoráveis. E encerra apoteoticamente com "Inside Lookin' Out" e "Gimme Shelter". O encarte duplo foi imensamente prejudicado pelas centenas de pequeninas fotos, são impossível de se enxergar de tão ruins!

Contra capa da edição argentina de "All The Girls In The World Beware!" de 1974

A despedida

Em agosto do mesmo ano é lançado "Good Singin' Good Playin'", produzido pelo gênio Frank Zappa. Muito mais "pra cima" do que o anterior, o disco funciona como uma bela despedida. Zappa deu a eles uma preciosa credibilidade artística, além de criar um ótimo clima para as novas composições. Depois de dois anos afastados dos palcos, o grupo planejou uma grande tour mundial para promover o disco. Em níveis comerciais, o álbum foi um fracasso, atingindo a modesta 52ª posição, "brochando" não só a banda, mas também Zappa, a gravadora, e todos os que apostavam no projeto. A disco music tomava conta do mercado e o Grand Funk já não interessava mais ao grande público. Dois meses depois, toda a turnê de promoção é cancelada, e em outubro é decretado o fim da banda.

Após a separação, Don, Mel e Craig formam o "Flint", que lançou um álbum homônimo pela Columbia, em janeiro de 1978. O disco trazia participações de Frank Zappa e Todd Rundgreen, e comercialmente também foi um grande fracasso. A banda chegou a gravar um segundo disco chamado "Layin' It On The Line" que nunca foi lançado. Do lado comercial da coisa, Mark Farner se deu um pouco melhor e lançou dois álbuns pela Atlantic: "Mark Farner" de 1977 e "No Frills" de 1978

Foto rara do Flint, em 1978

Grand Funk Lives

O ano de 1981 marcou a volta do Grand Funk com Mark, Don e Dennis Bellinger assumindo o lugar de Mel no baixo (o baixista original não topou a volta, pois tinha verdadeiro pavor de voar de avião). A banda é convidada para participar da trilha do filme-desenho "Heavy Metal – Universo e Fantasia", e logo em julho lança "Grand Funk Lives", que apesar de todas as dificuldades, ainda traz a banda mostrando muita vontade e entrosamento no estúdio. O grupo seguiu em turnê pela América abrindo para o ZZ Top. "Grand Funk Lives" foi um tremendo sucesso na Venezuela, e em 1982, a banda se apresentou em Caracas num gigantesco estádio de futebol para milhares de alucinados fãs venezuelanos do grupo.

Em janeiro de 1983 é lançado "What's Funk", álbum que trazia a sonoridade do grupo para os anos 80, com bateria eletrônica e sintetizadores! Infelizmente o álbum era muito fraco e não emplacou. Para piorar, a Warner, que lançava os discos do grupo nessa altura, acaba despedindo o grupo. Não era uma época propícia para a reunião da banda, e o fim é inevitável.

Bad times again

Com o fim da banda, tanto Mark como Don acabam passando por maus bocados. Mark enfrenta uma série de problemas particulares, culminando com a separação de sua esposa Liesa. Mark também perdeu a guarda de seus dois filhos, e começou a beber muito nessa época. Don atravessava graves problemas financeiros, que foram rapidamente resolvidos graças a Bob Seger, que o convida para integrar sua banda. Don fez várias turnês, e se divertiu bastante tocando com Bob.

Na segunda metade dos anos oitenta, Mark se recupera, se torna pastor cristão, e lança três discos nessa praia entre os anos de 1988 e 1992. Em 1995 ele é convidado por Ringo Starr a integrar sua All Star Band, e sai em turnê junto com um super time que contava com John Entwistle, Randy Bachman, Felix Cavaliere e Billy Preston.

fotos que acompanhavam somente a primeira prensagem norte-americana do disco Survival de 1971

funk power

Good Singin' Good Playin' 1976 ****

Produzido por ninguém menos do que Frank Zappa, e gravado praticamente "live in studio", o disco foi uma despedida muito mais pra cima do que "Born To Die". A abertura tinha uma verdadeira pérola power-pop, a genial "Just Couldn't Wait". Mark voltava a assumir o comando, compondo a maioria dos temas do álbum. Isso mostrava um Grand Funk redondo. No que se tratava em fazer um belo e simples disco pop. Os temas políticos também estão de volta, como em "1976" e "Don't Let Em Take Your Gun". A influência de Zappa pode ser sentida em "Out to Get You", onde ele sola freneticamente e arranja todos os vocais, fazendo com que ela pudesse facilmente figurar num Zoot Allures. Dessa vez, ponto para a edição digital, que traz uma faixa a mais que o vinil: "Rubberneck", uma preciosa sobra não aproveitada na versão original, talvez pela gritante semelhança com as composições de Zappa. Atenção: esse álbum foi lançado em CD remasterizado em 1999 pela MCA/Universal, portanto está fora desse novo pacote de relançamentos promovido pela Capitol/EMI.

30 Years of Funk 69-99 *****

Genial Box lançado para comemorar os 30 anos da banda. Contém 11 caixas inéditas, sendo que três delas gravadas especialmente para a ocasião. Tem também a primeira demo do "The Pack" (3 faixas), sobras dos álbuns "Survival", "We're An American Band" e "Shinin On" e suas primeiras versões ao vivo de "Inside Looking Out" e "We've Got To Get Out of This Place". Tudo remasterizado e colocado numa atraente embalagem, que acompanha um libreto recheado de fotos e informações preciosas.

Uma causa nobre

O ano de 1996 marcou a volta da formação original, ou seja, Mark, Don e Mel, exatos 20 anos depois da separação. A idéia não poderia ter sido melhor aproveitada - uma sensacional volta que arrecadaria fundos em benefício aos desamparados da guerra da Bósnia. O novo show trazia um fenomenal repertório que passava a limpo toda a carreira da banda, e ainda por cima, o trio era acompanhado por uma orquestra completa! A nova tour de volta foi um enorme sucesso, e tinha como convidados Peter Frampton e Leslie West nas guitarras. No ano seguinte (1997), é lançado o duplo ao vivo "Bosnia", que captava toda a vibração e emoção que tinha sido aquela genial turnê.

Um luxuoso Box é lançado em 1999 com o nome de "30 Years of Funk 1969-1999". Em 3 cd's estavam perfilados todos os hits remasterizados, 3 novas músicas inéditas gravadas especialmente para a ocasião, sobras de estúdio e muito material inédito.

Atualmente Mark já não faz mais parte da banda, que ainda excursiona com Don e Mel. Três novos integrantes foram chamados para suprir a falta de Mark, que era o guitarrista, vocalista, principal compositor e front-man do Grand Funk. O jeito é curtir o lançamento de "Live The 1971 Tour" que traz o trio no auge de sua forma e exuberância. O que mais chama atenção, são as gravações do histórico show no Shea Stadium contidas nesse álbum. Imperdível.

Dignas de muita nota, são também as reedições em CD de 12 discos originais do grupo. Um Box contendo os quatro primeiros discos da banda também foi lançado. Vale lembrar que muitos desses álbuns saíram pela primeira vez no mercado ocidental visto que somente estavam disponíveis em versões japonesas.

Altos e baixos, sucesso, processos, religião, separações, reuniões, e muito sexo, drogas e rock n' roll estão encarnados na história do Grand Funk Railroad. O que não muda nunca, é que eles sempre serão "A Banda" americana.

com Zappa na produção, o alto astral imperava durante as gravações de Good Singin' Good Playin'(1976)

www.nuvemnove.com.br

nuvem nove

CD's - LP's - DVD's

Compra - Venda - Troca

Hard Rock - Progressivo - Metal - Psicodélico - Anos 50 e 60

Fone: 3078-7051

Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi - São Paulo - SP

MEDUSA RECORDS

CD's - DVD's - LP's - BOOKS

PSICODÉLICO - HARD ROCK PROGRESSIVO

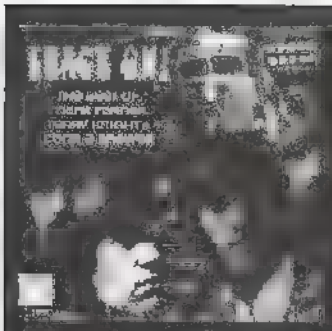
Raridades do Séc. XX

Atendemos via correio para todo o Brasil

Fone/Fax: (11) 223-9845

Rua 24 de Maio, 62 - 1. andar - Loja 79

Cep 01041-000 - São Paulo - SP



raridades pré Grand Funk: lp's do Terry Knight and the Pack

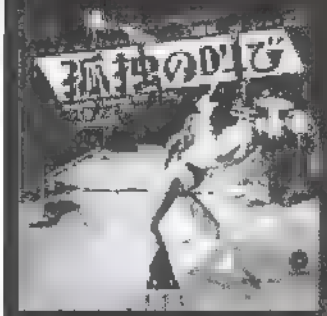
compacto japonês Bad Time/Good & Evil de 1974

compacto japonês Time Machine/High On A Horse de 1969

compacto japonês Heartbreaker/Please Don't Worry de 1970

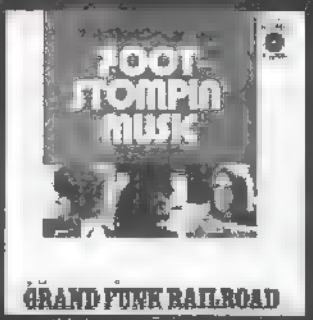
compacto mexicano Footstompin' Music/Feelin Alright de 1972

compacto japonês Gimme Shelter/I Can Fell Him In the Morning de 1970

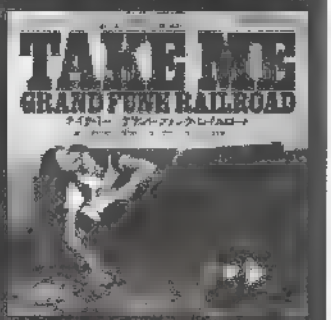


compacto japonês Inside Lookin' Out/Paranoid de 1970

compacto japonês Are You Ready/Mark Say's Alright de 1970

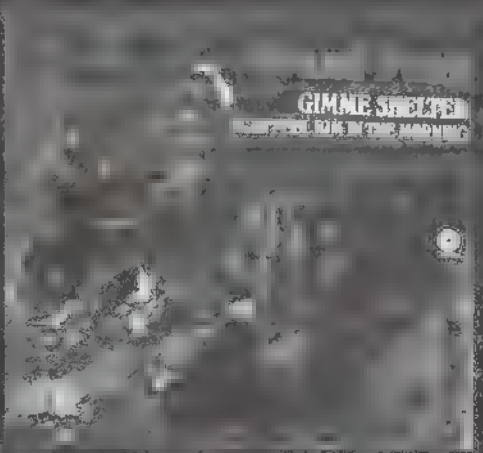


compacto japonês Footstompin' Music/I Come Tumblin' de 1972



compacto japonês Take Me/Genevieve de 1975

compacto americano Shinin' On/ Mr. Pretty Boy de 1974



compacto americano Gimme Shelter/I Can Feel Him In the Morning de 1971

capa da revista Circus maio de 1974

As dez versões definitivas

1 - INSIDE LOOKIN' OUT (do disco GRAND FUNK de 1969)

Como será que foi a reação de Eric Burdon (autor original da música) e dos Animals, quando ouviram esse som? O GFR simplesmente "passou por cima" e deu uma nova roupagem, muito mais funkeada e agressiva para o tema. O que era uma simples canção dos anos 60, se tornou um verdadeiro hino nas apresentações da banda Disparado, a melhor "cover" que o grupo gravou

2 - FEELIN' ALRIGHT (do disco SURVIVAL de 1971)

Essa regravação de um tema original de Dave Mason (Traffic), se tornou a cara da banda. Uma irresistível levada de baixo de Mel Schacher, aliada aos vocais de Mark Farner fazem a festa em cima da original Joe Cocker também a gravou, porém sem o mesmo brilho do GFR.

3 - GIMME SHELTER (do disco SURVIVAL de 1971)

Uma das mais mortíferas composições de Jagger/Richards Se tornou por muitos anos a "encore" nos shows do Grand Funk. Don cuida dos vocais principais e Mark faz o backing em faucete. Mel não canta, mas leva a música nas costas, com um timbre "pedreiro total"

4 - THE LOCOMOTION (do disco SHININ' ON de 1974)

Essa não tem pra ninguém, composta por Carole King, que a "deu" para Little Eva gravar (o curioso é que Eva era empregada doméstica de Carole na época), a versão do GFR é a definitiva. Tornou-se o 2º maior hit do conjunto, e era recheada de efeitos na voz e na guitarra. Destaque para o pique "Glam" da versão e para o imundo e maravilhoso solo de guitarra.

5 - SOME KIND OF WONDERFUL (do disco ALL THE GIRLS IN THE WORLD BEWARE de 1974)

A idéia de tirar esse clássico do R&B escrito por J. Elisson veio à tona, porque o grupo costumava cantarolar a canção no formato acapella, durante o trajeto da limosine no itinerário hotel-show e vice versa Ao vivo, apenas Don e Mel levavam a música, deixando Mark livre para correr por todo o palco agitando a galera.

6 - LOOK AT GRANNY RUN RUN (do disco ALL THE GIRLS IN THE WORLD BEWARE de 1974)

Escrita pela dupla E. Shuman e J. Ragavoy, a faixa ganha brilho com a versão do GFR, que vem com metais a rodo e vocais precisos e animados de Mark e Don

7 - CAN YOU DO IT (do disco GOOD SINGIN' GOOD PLAYIN' de 1976)

Outro clássico do R&B americano, escrito por Richard Street e Thelma Gordy, e gravado pelo The Contours. Nessa aqui Don faz a contagem inicial, e a banda toda "entra" vigorosamente, com Mark cantando num tom altíssimo

Terry Knight and The Pack, contando com Don Brewer e Mark Farner na formação. (os dois da esquerda)

foto rara do Terry Knight and The Pack

8 - WE GOT TO GET OUT OF THIS PLACE (do disco GRAND FUNK LIVES de 1981)

Outra dos Animals, essa ficou mais fiel à original. Firme marcação do baixo, legal groove de bateria e uma pesada guitarra heavy metal eram o cardápio. A música encerrava os shows da turnê de 1981/82

9 - NOWHERE TO RUN (do disco WHAT'S FUNK de 1983)

Foi um hit nos anos 50 com as Shangrillas. Faixa escolhida por Mark Farner, fanático por canções dos fifties É um dos pontos altos do disco.

10 - IT'S A MAN'S MAN'S WORLD (do disco WHAT'S FUNK de 1983)

Grande versão para a balada de James Brown. Traz uma marcante interpretação vocal de Mark. Sela de vez a enorme influência black que a banda sofria no seu som

STAND UP

Progressivo, Hard Rock,
Psicodélico, Jazz, 60's & 70's

www.standup-music.com.br

Atendemos pelo correio para todo o país

Tel: (11) 3362-1561 / 9126-1127

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 368
Cep.01041-000 - São Paulo - SP

Aqualung
Records LTDA.
Audio e Vídeo

CD'S do Grand Funk Railroad
é na Aqualung

http://www.aqualung.com.br
e-mail:aqualung@aqualung.com.br

Enviamos para todo o Brasil via correio

Loja 1: Galeria do Rock - Rua 24 de Maio, 62 - Loja 305
São Paulo - SP - Fone/Fax: (11) 222-0284
Loja 2: EM&T - Andar Térreo - Fone: (11) 5011-8898

ou vai ou racha - Cheap Trick

Quem eles eram ?

A formação na maioria dos discos e que está na ativa até hoje é: Robin Zander (guitarra, vocal), Rick Nielsen (guitarra e vocais), Tom Petersson (baixo e vocais) e Bun E Carlos (bateria).

O que faziam ?

Com certeza o Cheap Trick sempre foi e sempre será uma das mais divertidas bandas da América. A postura despojada e totalmente genuína da banda já é uma atração por si só. Assim como as grandes bandas dos anos 60, cada integrante do Cheap Trick tem uma personalidade bem diferente um do outro. Robin Zander é o frontman, um "rocker" por excelência, carrega sempre uma imagem de rebelde perturbado, o que contrasta bem com a sonoridade alegre da banda. Rick Nielsen é um figuraça, tem cara de Nerd e toca tipos esquisitíssimos de guitarras (algumas de até 5 braços). Tom Petersson é o galã, o sex symbol do grupo, e o batera Bun E. Carlos é também outro figura, é daqueles caras que tem cara de tudo, menos de baterista de uma banda de rock!

Nos discos, sempre Robin e Tom aparecem na capa - ou em roupas transadas, ou em motos possantes, enquanto que Rick e Bun aparecem sempre largados e com bicicletas velhas. É cômico. Já quanto à sonoridade, basta imaginar que se os Beatles tivessem continuado nos anos 70, talvez eles soassem como o Cheap Trick.

Agora eles são cultuados?

Apesar do imenso sucesso no Japão, na América o Cheap Trick sempre foi meio que marginalizado e tratado como banda de segunda categoria. Hoje muita gente cai babando em cima deles. O Smashing Pumpkins pagou tributo aos caras, e mais recentemente até o Aerosmith se rendeu e chamou o Trick para umas jams na sua última tour pelos EUA.

E a história ?

Rick Nielsen e Tom Petersson tocavam juntos desde o ano de 1967. Em 1970 lançam um disco com a banda "Fuse", enquanto que Robin e Bun tocavam juntos no "Phrenz". Em 1973 é formado o Cheap Trick, que teve a sorte de ser visto atuando num pequeno bar pelo produtor do Aerosmith da época, Jack Douglas. Jack impressionado, convenceu a Epic a contratar os garotos, que logo estrearam com um disco chamado "Cheap Trick" em 1977. Infelizmente o disco não teve a aceitação esperada, e a Epic resolveu dar a última chance para os rapazes. Para o bem geral do Rock N' Roll, "In Colour" também de 1977, foi um estouro, e mostrava bem como deveria ser um disco do Cheap Trick.

O grupo passa a excursionar com nomes de peso como o Kiss, o Queen, os Kinks, o Rush e o AC/DC. Bem em meio dessas tours é lançado "Heaven Tonight" em 1978. O disco trazia o hino definitivo da banda, "Surrender".

No Japão a loucura é total, uma "Trickmania" se instala pelo país do sol nascente e o resultado é o multi platinado "Live At Budokan", registro de um empolgante show do quarteto. Na onda do sucesso, no mesmo ano (1979) lançam mais um álbum, "Dream Police". Em 1980 sai "All Shook Up" com produção de George Martin (sim, aquele mesmo!) e Rick e Bun chegaram a participar de algumas demos do "Double Fantasy" de John Lennon. Nos anos 80, sem a mesma popularidade de antes, o Trick lançou discos mais comerciais e menos expressivos. Nos anos 90 as coisas melhoram e lançam discos mais interessantes, sempre fazendo shows memoráveis, e seria ótimo ver a banda ao vivo por aqui não?

E a música?

Com uma forte influência de Beatles e do The Move, o Cheap Trick é rock americano do melhor humor possível. Sua música é visceral e energética, sempre apostanto também em belas melodias pop.

O que devo ouvir ?

Cheap Trick (1977) ***

Primeiro registro da banda. Não foi bem aceito comercialmente, talvez pelo conteúdo pesado das letras, que falavam sobre suicídio (On Candy), assassinatos em massa (The Ballad of TV Violence) e pedofilia (Daddy Should Have Stayed in High School). Musicalmente é Cheap Trick mais cru do que punk.

In Colour (1977) *****

Contendo 6 músicas que na verdade eram sobras do primeiro, disco esse. In Colour, além de mais pop do que o anterior, tinha bem mais a "cara" da banda. "I Want You To Want Me" se tornou hino nos shows do grupo. Outros destaques eram: "Hello There", "Big Eyes" e "Clock Strikes Ten".

Heaven Tonight (1978) *****

A faixa de abertura "Surrender", se tornou o maior hit do grupo e resume em apenas alguns minutos o espírito da banda. Trazia também uma versão de "Oh Homa Man" do The Move de Roy Wood. Ponto para a atuação de Robin na dramática faixa título.

At Budokan (1979) *****

Um dos discos ao vivo mais famosos da história! Registro da insana tour japonesa do Trick de 1978, é até complicado ouvir os instrumentos tamanha a quantidade de gritos histéricos das japinhas! Foi o disco que fez a banda estourar no mundo inteiro, e o melhor de tudo é que a Sony/Epic relançou o CD em versão dupla, com várias faixas bonus para a alegria geral dos fãs. Depois desse aqui, toda banda de rock ficou com vontade de ter um disco ao vivo chamado "Live at Budokan".

como comprar YES

Se você tiver que adquirir apenas 10 álbuns, que sejam estes.

por Sérgio Eduardo

Uma das bandas mais influentes do progressivo, o Yes pode ser responsabilizado por toda uma escola mais sinfônica do estilo. Se bandas como King Crimson e Gentle Giant puseram as cartas da quebradeira na mesa, coube ao Yes embaralhá-las e redistribuí-las para mais jogadores. Isso significa sucesso e prestígio só igualados por Genesis e ELP. Para comprovar, basta dar uma olhada em artigos de 1973, época em que todos queriam soar como Yes. Seus imitadores, alguns com talento de sobra, não pararam de surgir: Druid, Starcastle, Mutantes (fase Tudo Foi Feito pelo Sol), Atlantide...
Ainda hoje a banda paira como um fantasma (sem ter morrido) para qualquer iniciante em prog.

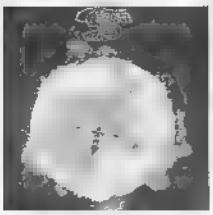
Time and A Word (1970)

Diz a lenda que, enquanto assistia a um show do King Crimson em 1969, Chris Squire teria olhado para Jon Anderson a seu lado e lhe dito: "Bicho, ainda temos que ensaiar muito" E ensaiaram mesmo. O segundo LP do Yes aprofunda as mudanças de andamento ensaiadas no primeiro e pode ser considerado sua primeira obra-prima. Jon Anderson confirma-se como um excelente compositor em faixas inspiradas como "Then" e "Astral Traveller" (uma das grandes canções de toda a carreira da banda). Chris Squire firma-se como um dos maiores baixistas do rock (para muitos, o maior) e o órgão de Tony Kaye cai perfeitamente, num delicioso affair com a voz de Anderson

The Yes Album (1971)

É o primeiro álbum a contar com o mestre Steve Howe na guitarra. Um desbunde progressivo que elevou o Yes aos píncaros. "The Clap" é o cartão de visita de Howe que, com seu violão, mostra a que veio. O restante das faixas mostra um amadurecimento ainda maior para mudanças de andamento (são faixas de longa duração) e de atmosfera. Vai-se da agressividade à doçura em poucos sulcos. Este, infelizmente, seria o último disco a contar com Tony Kaye, pelo menos nos anos 70

Fragille (1972)



Rick Wakeman debuta cheio de pompa neste clássico do rock progressivo. São quatro faixas, entremeadas por pequenos (se comparados à média de duração das faixas) interlúdios que refletem os anseios de cada um dos integrantes. Quem se sai melhor é Howe, com a indefectível "Mood For a Day" (irmã mais madura de The Clap do disco anterior). As quatro suítes do disco estão entre as coisas mais geniais já feitas no gênero: "Roundabout", "South Side of the Sky", "Long Distance Runaround" e "Heart of the Sunrise". Quatro gemas que marcariam para sempre aquele maluco e bicho-grilo ano de 1972, um dos mais prolíficos em matéria de rock.

Close to the Edge (1972)

No mesmo ano de Fragile, a banda solta uma nova obra-prima com apenas três faixas. Uma de quase vinte minutos que leva o nome do disco mais duas de quase dez minutos, todas com mudanças de andamento fantásticas e não forçadas, como muitos imitadores insistiam em fazer. Apesar de Wakeman ter saído descontente, achando que o material era para robôs, as três faixas mostram a maturidade da banda, e com o passar do tempo, revela também os germes de uma possível saturação (perto do limite, como o próprio nome sugere?). O que viria se comprovar com o próximo trabalho de estúdio, o irregular álbum duplo Tales From Topographic Ocean (1973). Ainda assim, Close to the Edge permanece, com seus excessos, um disco essencial

Yessongs (1973)

Os shows do Yes costumavam ser um deleite para os fãs de rock progressivo, mesmo para quem não era fissurado no som dos caras. Um álbum triplo seria a concretização da excelência de suas performances vertidas para o vinil, e agora para o CD (duplo) A maior parte das faixas conta com o baterista substituto de Bill Brufford, outro que debandou após Close to the Edge. Mas se Alan White (ex-Plastic Ono Band) não tem metade da técnica de Brufford, compensa com uma energia que torna as faixas mais pesadas.

Relayer (1974)

Com a entrada de Patrick Moraz, um tecladista excelente, mas menos virtuose do que Wakeman, o Yes lança mais um clássico em sua carreira Relayer pode muito bem ser considerado o disco mais visceral da banda São apenas três faixas, das quais a maior "The Gates of Delirium" (de 22 minutos) continha o mega-sucesso "Soon", que iria aparecer destacada em coletâneas. Em um momento dessa maravilhosa peça, os quatro instrumentistas solam ao mesmo tempo, formando uma massa sonora quase ininteligível e espantadora de mães É o mais próximo que o progressivo sinfônico chegou do dadaísmo musical

Compactos raros dos anos 70 !

Algumas das formações clássicas do Yes:
foto 1: (1969) Peter Banks, Tony Kaye, Chris Squire,Bill Bruford e Jon Anderson
foto 2: (1977) Chris Squire, Rick Wakeman, Jon Anderson, Alan White e Steve Howe.
foto 3: (1976) Chris Squire, Jon Anderson, Alan White, Patrick Moraz e Steve Howe.

Going For The One (1977)

Com a saída de Patrick Moraz abriu-se a porta para a volta de Rick Wakeman e este é o primeiro disco dessa fase. O outro seria o desastroso Tormato. Going for the One é barulhento como seu predecessor, e mais melodioso por outro lado. "Wonderous Stories" virou super-hit e o Yes ganhou novo fôlego. A capa da Hypgnosis (famoso estúdio gráfico inglês, que criava capas para o Pink Floyd e para o Led Zeppelin, entre outros) marcou época. A música título é uma condensação da barulheira de "The Gates of Delirium".

Drama (1980)

Depois de Tormato, uma drástica mudança fazia-se necessária. O produtor Trevor Horn assumiu os vocais, semelhantes aos de Jon Anderson. Geoff Downess assume os teclados, para logo após montar o Asia, com John Wetton e Steve Howe. Drama sempre foi injustiçado. Pode ser considerado o disco em que Squire melhor aparece, como no espetacular solo de "Does it Really Happen?", ou na distorção absurda de "Machine Messiah". Dá um banho no disco anterior, mas as pessoas preferiram acreditar em decadência.

Yesshows (1980)

Da segunda fase de Wakeman na banda, sobra esta maravilhosa coletânea de suas turnês entre 76 e 79. A banda, afiada e barulhenta como nunca, prova ser impecável ao vivo, com versões ainda mais intrincadas que as de seus álbuns de origem. "The Gates of Delirium" aqui está ainda mais esquizofrênica que em Relayer, e conta com o mesmo Patrick Moraz nos teclados. E "Parallels" é um dos pontos altos com os músicos em excelente forma. Um belo epílogo para a fase mais maluca da banda.

90125 (1983)

Com o injusto fracasso de Drama, a banda é reformulada. Voltam Anderson e Kaye , sai Steve Howe. Trevor Rabin, seu substituto, já chega compondo e tornando a sonoridade da banda mais pop, mais direcionada para as FMs da época, com a produção de Trevor Horn. Funcionou. Com faixas inspiradas como "Changes" e "Leave It", 90125 revela-se surpreendentemente classudo. Pena que a continuação viria, quatro anos depois, sob a forma de uma bomba chamada Big Generator.

DUNNO CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

☎ (11) 3337- 0322

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP
www.dunno.kit.net

Jardim Elétrico
CDs & LPs
www.jardimeletrico.hpg.com.br
Compra - Venda - Troca
Fone: (11) 3068-9117
Rua Augusta, 2212 - Loja 10 - São Paulo - SP

enquanto isso, na Net...

POEIRA ZINE NA WHIPLASH
www.whiplash.com.br
A poeira Zine agora tem uma coluna fixa no site da Whiplash, trazendo sempre um pouco do que o Zine oferece aos amantes da música dos bons tempos. O site sempre traz notícias quentes do mundo do Rock, biografias das bandas, Wallpapers, agenda de shows, curiosidades e muito mais. É bom lembrar que essa coluna da poeira, trará também matérias exclusivas, que não estarão na versão impressa do Zine.

"OS MELHORES GUITARRISTAS DO MUNDO"
www.voiceprint.com.br/gtrbook
Se trata da mais nova peripécia de Jeferson Araújo Pereira (sim aquele mesmo do livro As obras primas do Rock Progressivo). Dessa vez o livro, ou melhor o e-book é grátis - basta você baixá-lo desse endereço acima. O conteúdo mais uma vez surpreende, com aquele já tradicional humor que o grande Jeferson imprime em seus textos.

FÃ CLUBE BRASILEIRO DO STATUS QUO
www.statusquo.com.br
Reconhecido pelo fã clube oficial inglês da banda, essa rapaziada vem dando o que falar aqui em São Paulo. O site tem biografia completa, fotos dos shows, curiosidades sobre os integrantes e muito mais. Vale a pena dar uma conferida pois o fã clube está sempre agendando "Quovenções" e shows do "Status Quover".

NO EMBALO DA JOVEM GUARDA
www.tucunare.bio.br/jovem_guarda.htm
Cuidadosamente elaborado por Ricardo Pugialli, este site contém simplesmente tudo sobre o movimento: discografias, capas de discos raros, fotos inéditas, etc.

POEIRA ZINE NA "A BARATA"
www.abarata.com.br
A poeira Zine está também com uma coluna no site "A Barata", sempre trazendo o melhor da música dos bons tempos. O site é muito bacana e traz poesias, enquetes, dicas de shows e discos, e muitas outras coisas sobre rock e comportamento em geral. O Webmaster Luis "Barata" Cichetto une no site, fatos e citações de pessoas que fazem da música um veículo para o seu crescimento intelectual

TEM QUE ACONTECER
"Expansão das fronteiras musicais através do diálogo"
www.temqueacontecer.hpg.com.br
Muito divertido e descontraído, esse site funciona como um bom papo sobre música. Levanta hipóteses e repara injustiças do mundo musical. Traz também aquelas tão amadas listas, como "as melhores estréias", "melhores discos de Prog", etc.

cana neles !

Aqui estão listadas as maiores e mais faladas apreensões e prisões da história do rock. Porte de drogas, armas ou simplesmente baderna são as principais causas.

1 - Ozzy Osbourne, 02/09/1989
O "madman" num de seus acessos, agrediu e tentou matar sua esposa e empresária Sharon. Depois ele ficou "mansinho" ao saber da possibilidade de perder todos os seus bens, que se encontravam em nome de sua esposa

2 - The Rolling Stones, 18/03/1965
Foram todos presos por urinarem em público, num posto de gasolina após um show na cidade de Essex na Inglaterra

3 - Paul McCartney, 16/01/1980
No aeroporto de Tóquio, policiais acharam algumas poucas gramas de maconha na mala do ex- beatle. McCartney foi maltratado e passou dez dias na prisão, além de ter toda sua turnê japonesa cancelada. Foi proibido também de voltar para sempre naquele país. Dez anos depois lhe foi concedido o direito de voltar para realizar seis shows.

4 - Keith Richards, 27/02/1977
"Flagrado" no aeroporto de Toronto, o guitarrista dos Stones "dançou", pois portava cerca de 22 gramas de heroína e cocaína. Passado o susto, a corte canadense somente exigiu que Keith fizesse um show beneficiente para uma instituição de ajuda aos cegos. A "multa" foi devidamente paga com um belíssimo show em 22/04/1979

5 - John Lennon e Yoko Ono, 18/10/1968
Em seu flat em Londres, o casal foi pego "fazendo a cabeça" com uma considerável quantidade de maconha

6 - Jerry Garcia, 27/03/1973
O líder do Grateful Dead corria feito louco numa estrada perto da Filadélfia. Os tiras o pararam devido à alta velocidade, e acabaram achando na mala do músico: maconha, ácido, cocaína e pílulas

7 - Paul McCartney, 08/03/1973
Mais uma peripécia de Paul, que nessa vez se deu mal, pois foi pego cultivando uma verdadeira plantação de Cannabis na sua fazenda em Campbeltown, Escócia.

8 - Pete Townshend e Roger Daltrey, 16/05/1969
Pete chutou um policial no palco, durante uma apresentação do Who no Fillmore East em Nova Iorque. O coitado do policial somente estava tentando evacuar o local devido a um pequeno foco de incêndio. O promotor e idealizador do Fillmore, Bill Graham, é que limpou a barra, e pagou a fiança da dupla.

9 - Keith Richards, Mick Jagger e Marianne Faithfull, 12/02/1967
Em sua casa em Redlands, Inglaterra, Keith foi pego com Jagger, Faithfull e o vendedor de obras de arte Robert Fraser, no meio de uma interminável orgia, regada à muitas drogas é claro.

10 - James Brown, 24/09/1988
O pai do soul norte americano amargou mais de dois anos em cana, acusado de porte ilegal de armas. Brown também teve outras passagens por agressão à sua esposa, e olha que bacana, à sua sogra também.

poeira Zine
o melhor da música do melhor dos tempos
(0XX11) 9526-7947
poeirazine@hotmail.com
Você já pensou em anunciar na primeira e única publicação do Brasil que trata a música como paixão?
Então entre em contato, e veja se você consegue resistir
Lojista, entre em contato para revender a poeira Zine em sua loja.

perto do limite - Camel "The Snow Goose" 1975

A fundação do Camel, data do maravilhoso ano de 1972 (alguém já reparou a quantidade de excelentes discos lançados nesse mesmo ano?), onde na cidade de Surrey, Inglaterra, quatro jovens e excepcionais músicos resolveram que era hora de mostrar ao resto do mundo como se faz música de qualidade.

Peter Bardens, Andrew Latimer, Andy Ward e Doug Ferguson eram esses jovens. No vinil a estréia até que não tardou muito para acontecer, e no ano de 1974, a banda lançou o seu homônimo disco de estréia. Ainda naquele ano, soltam um marco do rock progressivo, "Mirage", que até hoje é um dos pilares do estilo.

Após esses dois fantásticos registros, onde o camaleão colocava acima de qualquer suspeita a sua habilidade instrumental, nem crítica, muito menos os fãs do grupo esperavam tantas inovações para o próximo projeto da banda.

Tudo começou a mudar quando Pete Bardens teve a idéia ousadíssima de criar um trabalho conceitual e totalmente instrumental. Sua idéia na verdade era musicar o tradicional conto "Steppenwolf" de Hesse, que por sinal foi também inspiração para o nome da banda de John Kay. Já Andy Ward e Doug Ferguson achavam que o livro de Paul Gallico, "The Snow Goose", seria a inspiração ideal para se criar aquelas maravilhosas sonoridades Camelianas. Andrew Latimer por sua vez, ficou meio que em cima do muro e acabou pendendo para o lado de Ward e Ferguson.

Em 1975 foi lançado "The Snow Goose", com 5 temas instrumentais. O mais incrível de tudo, é que o grupo além de criar uma espécie de trilha sonora perfeita para o livro, ainda conseguiu transmitir com precisão cirúrgica cada palavra e sequer em todo o disco a mesma mensagem do livro.

O entrosamento do trio nesse disco é algo a ser estudado. Apesar de Andrew Latimer e Bardens além de formarem o núcleo criativo da banda, foram também totalmente responsáveis pela música de "Snow Goose". Como a maioria dos líderes das grandes bandas, eles também sofriam das famosas "divergências musicais", mas quando conseguiam superar isso, ambos se concentravam num mesmo "pool" o resultado era no mínimo esplendoroso.

Quanto ao livro, "Snow Goose" retratava a vida do solitário Rhayader, que vivia afastado da cidade, e num belo dia se deparou com um ganso da neve ferido. Rhayader o levou para casa e passou a cuidar da ave. Nesse meio tempo, aparece em sua vida, uma pequena garota chamada Fritha, que estava consternada com a situação da ave, e passou a ajudar Rhayader. Com o fim do inverno e com a recuperação do animal, Rhayader o soltou. Fritha acabou deixando o nosso herói mais uma vez sozinho. Rhayader acabou morrendo numa batalha, apesar da ave ter reaparecido para ajudá-lo. Fritha fica desolada olhando o voo do pássaro, e passa a chamar a ave como "La Princesse Perdue". A mensagem que o livro passa é de como certas pessoas podem superar com esperança os horrores da guerra.

Agora do lado musical, as 10 faixas do álbum surpreendem. Fazem um comentário de cada uma delas se tornam algo obsoleto diante do fato de que todas se encaixam formando uma genial suíte, recheada de belos timbres de guitarra e também do Moog, órgão e piano.

A fórmula foi muito bem sucedida basta lembrar que o disco deu projeção internacional para a banda, tanto que a partir de "Snow Goose", o Camel tentou repetir a mesma fórmula em outros trabalhos como nos discos "Nude", "Harbour of Tears" e também "Dust and Dreams", mas sem conseguir o mesmo impacto de sua obra suprema e definitiva.

Lançamento: 1975 Decca/Deram Records
Produção: David Hitchcock
Engenheiro de Som: Rhett Davies
Arranjos Orquestrais: David Bedford
Estúdio: Island e Decca Studios, Londres
Formação:
Peter Bardens (órgão, Moog, piano elétrico e acústico)
Andrew Latimer (guitarra elétrica, acústica slide e flauta)
Doug Ferguson (baixo)
Andy Ward (bateria e percussão)

Faixas: The Great Marsh/Rhayader/ Rhayader Goes to Town/Sanctuary/Fritha/ The Snow Goose/Friendship/Migration/ Rhayader Alone/Flight of the Snow Goose/ Preparation/Dunkirk/Epitaph/Fritha Alone/ La Princese Perdue/The Great Marsh
Bônus da edição remasterizada em CD.
Flight Of The Snow Goose (versão single)/ Rhayader (versão single)/Flight Of The Snow Goose (out-take)/Rhayader Goes To Town / Freefall (ambas ao vivo no Marquee Club).

Notas:
Coube ao guitarrista Andrew Latimer convencer Peter Bardens a mudar de idéia, e optar por musicar a novela de Paul Gallico, "The Snow Goose", ao invés do conto "Steppenwolf".
Até hoje, o Camel toca alguns temas de "The Snow Goose" em seus shows. Um exemplo disso é a faixa Rhayader, que inclusive chegou a ser regravada pela banda polonesa Quidam.
Apesar de se tratar de um disco instrumental, ele chegou na 22º colocação das paradas britânicas.
Na primeira prensagem do LP, o título era somente "The Snow Goose". O furioso Paul Gallico processou o grupo por usarem o nome de seu livro sem terem pedido permissão ao autor. A partir disso, as próximas prensagens tiveram que ser editadas com o nome "Music Inspired by The Snow Goose". Dizem por aí que o careta Gallico não gostou de ver sua obra ser musicada e divulgada, por uma banda que tinha o mesmo nome de uma marca de cigarros.

Situação: No Brasil só foi lançado em LP, em 1976. Na Inglaterra, a gravadora Universal relançou o álbum em CD, numa luxuosa edição remasterizada com 5 faixas bônus, além de toda uma restauração da arte original do LP e um encarte caprichado.

SEBO
JOVEM GUARDA
A VANGUARDA EM SEBO

COMPRA - VENDA - TROCA
Pagamos à vista

LP's Rock - Jazz - Clássicos
Jovem Guarda - Bossa Nova
Sertanejo e Raridades

sjguarda@bol.com.br

Atendimento a domicílio

Rua da Moóca, 3401
Rua Pires de Campos, 20
São Paulo - SP
Fones: 6604-6729 / 6601-3496

Moby Dick

CD'S e DVD'S Nacionais e Importados

Jazz - Rock - Blues
Progressivo

COMPRA - VENDA - TROCA

Atendemos Via Sedex

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar
Loja 364 - São Paulo - SP
Fone: 222-8517 - Fax: 3362-1912

the Central Scrutinizer Band

Zappa está vivo e tocou no Bixiga !

The Central Scrutinizer Band - Café Piu Piu (São Paulo) - 13/03

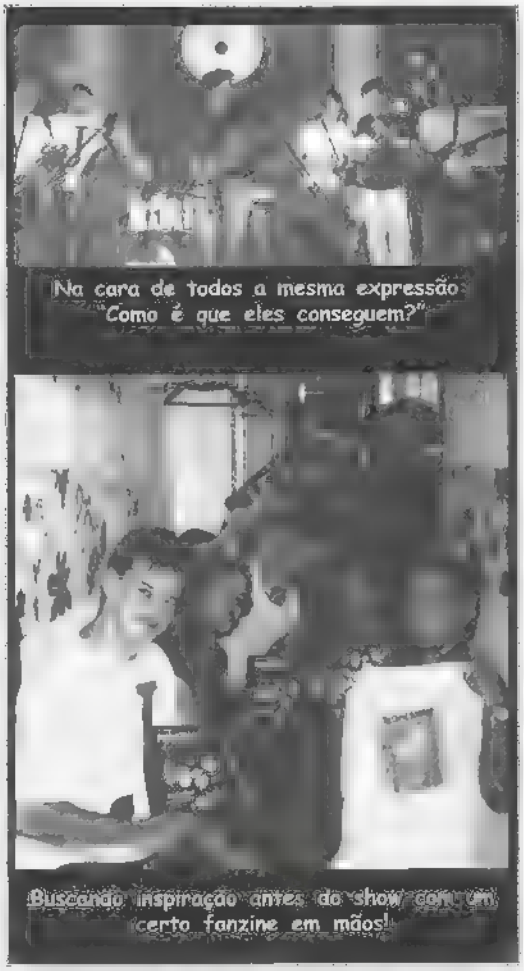
Para quem não sabe, a The Central Scrutinizer Band é uma banda "cover" de Frank Zappa. Mas não é simplesmente só isso, pois não se trata de uma banda "cover" qualquer. Os caras são verdadeiros conhecedores da obra musical do Zappa. São nove músicos excepcionais, que prezam pelo cuidado com os arranjos. Todos os complexos e minuciosos detalhes da música de Zappa são tocados na exatidão – nota por nota.

O grupo foi formado em 1991, e conta com integrantes de bandas como Karnak, Funk Como Le Gusta e outras. Vale lembrar que o próprio Zappa, no início dos anos 90, escreveu uma carta a mão, dando os parabéns pelo trabalho da rapaziada. E não é só isso, em 1997 a banda trouxe o vocalista/guitarrista Ike Willis (por muitos anos peça fundamental na banda do próprio Zappa) para históricos shows aqui em Sampa.

Contando com um repertório de cerca de 80 músicas a ponto de bala para serem executadas, o Scrutinizer mais uma vez apresentou algumas delas com casa lotada, dessa vez no mais que tradicional bairro do Bixiga, aqui em São Paulo.

A atuação dos caras no palco é impressionante, e o público (formado de zappólotras inveterados) vai a loucura. Temas como "Florentine Pogen", "Sofa", "Why Does it Hurt When I Pee?", "Peaches en Regalia", "Uncle Remus" e aquela trinca que abre o Sheik Yerbouti "I Have Been You/Flakes/Broken Hearts Are for Assholes" foram alguns dos temas apresentados. Aliás em "Flakes", o vocalista Mano Bap faz não só a voz do Zappa, como também aquela gozação em cima do Bob Dylan, assim como a versão original!

O que mais chamou a atenção, foi a inclusão do tema instrumental "Apostrophe" que só para sentir o drama, na versão original do Zappa, quem cuida da "cozinha" é Jack Bruce (dispensando apresentações) no baixo e Jim Gordon (Derek and the Dominos e da banda Mad Dogs and the Englishmen do Joe Cocker) na bateria! E não precisa nem dizer que o Scrutinizer simplesmente arregaçou, com destaque todo especial para o batera Cláudio Tchernev que fez um solo pesado e maravilhoso e principalmente para o baixista Caio Góes que tomou a frente do palco e mostrou como se toca um contra baixo. Inclusive eu queria chamar à atenção das autoridades locais para "prenderem" o baixista do Scrutinizer - ele é perigoso, um cara que toca desse jeito não pode estar solto pela rua - ou melhor - a banda inteira tem que ser presa, que nem a banda do Joe's Garage. Galera é brincadeira viu!



O guitarrista Rainer Pappon que fazia aniversário no dia, não deixou por menos e mandou a belíssima "Watermelon In Easter Hay", na minha opinião, uma das mais belas composições criadas para o instrumento.

Como se ainda não bastasse, os integrantes ainda são muito gente fina - nos intervalos batem papo com todos e estão sempre agradecendo - mostrando exatamente como deve se portar um músico profissional, coisa que nesse país anda meio difícil, pois aqui tem muita gente que não toca nada e se acha muito! Mas isso é outro papo, aqui na Poeira Zine, só bandas desse calibre tem espaço. Quem quiser conhecer mais a banda pode acessar o site deles, que é muito bem cuidado por sinal, cortesia do grande Marcelo Ringel: www.scrutinizer.com.br

Focus em São Paulo!

A banda holandesa voltou e não decepcionou

com abertura do Violeta de Outono - Direct TV Music Hall (São Paulo) - 14/03

E eles voltaram! Apenas três meses depois da primeira visita ao país eles apareceram para mais uma série de shows e não decepcionaram.

A abertura ficou mais uma vez a cargo do Violeta de Outono, que conseguiu fazer um show ainda melhor do que o de novembro último. A banda ia alternando climas psicodélicos com trechos de pura pegada rock n' roll. O destaque mais uma vez foi o guitarrista e vocalista Fábio Golfetti que conseguiu tirar sons espaciais e viajantes da sua Telecaster branca.

Já o Focus entrou ovacionado pela platéia. Dessa vez contando com várias composições do seu último disco "Focus 8" no repertório, a banda não deixou barato e emendou clássicos do quilate de "Focus II", "Eruption", Hamburger Concerto", "Sylvia" e "Hocus Pocus" (lógico que essas duas últimas não poderiam faltar!).

Em "Harem Scarem", Thijs Van Leer deixa o palco e os três jovens músicos que atualmente integram a banda, dão um verdadeiro show à parte numa Jam de arrepiar. O guitarrista Jan Dumée, que para desespero das viúvas de Jan Akkerman, dá muito bem conta do recado, tocando todas as notas com um sentimento incrível. O baixista Bob Jacobs também arrepiou num solo cheio de efeitos de wah-wah.

O bacana é que a garotada marcou presença, provando que a música dos bons tempos não envelhece nunca.

No final a galera levantou das mesas e foi toda para a frente do palco, e quando a banda fez aquela tradicional reprise de "Hocus Pocus" o Direct TV quase veio abaixo. Terminada a apresentação, todos se faziam a mesma pergunta: Por que o Thijs Van Leer não tocou a flauta? O que aconteceu? Será que ele a esqueceu em casa? Alguns disseram que ele sofreu um derrame recentemente, que paralizou uma parte do seu rosto. Mas a verdade é que Thijs adquiriu um tipo de virose, que está lhe impossibilitando de tocar o instrumento. Enfim, mesmo sem flauta o show foi bem legal.

Uma meia hora depois do fim do show, quem ficou ali no Hall de entrada do Direct TV foi recompensado. Thijs Van Leer e o baixista Bob Jacobs saíram dos camarins para dar autógrafos e conversar com os fãs que ali estavam. E o mais legal é que eles atenderam todos, um por um, demonstrando um carinho muito grande com os fãs brasileiros. Parabéns ao Focus por mais uma excelente apresentação em território nacional.

(Agradecimentos especiais ao grande amigo Sérgio Martins)

Status Quo no Brasil !

Credicard Hall - São Paulo - 14/02/2003

Com quase 40 anos de estrada, pela primeira vez pudemos conferir ao vivo essa verdadeira celebração ao Rock N' Roll que é um show do Status Quo.

Noite chuvosa em São Paulo, confesso que fiquei um pouco decepcionado pelo fato de serem colocadas cadeiras ao invés da tradicional "pista" comuns nos shows de Rock. Mas isso não afetou nem um pouco no brilho da apresentação que começou num ótimo alto astral com "Caroline".

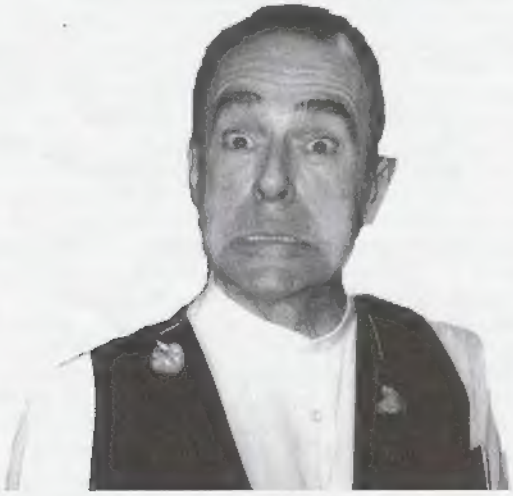
O palco da turnê Heavy Traffic é muito bacana, com faixas de sinalização por todos os lados, e o que mais chamava a atenção era o fato dos caras tocarem com amplificadores Marshall brancos! Só bandas como o Quo podem se dar esse luxo! Fora isso, o disco que eles vieram promover (Heavy Traffic) é sensacional. Todas as faixas tem cara de hit certo nos shows da banda. (Pena que a Universal brasileira tenha dado uma mega vacilada, lançando o disco por aqui quase dois meses após esse show).

Francis Rossi e Rick Parfitt continuam agitando muito, e despejaram hits no ouvido da galera: "Roll Over Lay Down", "Rockin' All Over The World", "Rain", "Big Fat Mama" e "Don't Waste My Time". Uma agradável surpresa foi a execução da música "Gerdundula" de 1971, onde todos os integrantes pegaram guitarras acústicas para executá-la. Confesso que nunca sequer imaginei a possibilidade de ver o Quo tocar essa música ao vivo. Em "Down Down" o Credicard Hall veio abaixo. Era emocionante ver todo mundo cantando e tocando uma guitarra imaginária, tanto um garoto de uns 12 anos ao meu lado com uma camiseta do Ramones, como senhores de cabelo grisalho e uma barriguinha saliente agitando como se aquele fosse o primeiro show de suas vidas!

Foto: Sérgio Mannheimer

O Fã clube brasileiro do Status Quo (o principal "culpado" pela vinda da banda), marcou presença de peso no show – todos na frente do palco cantando palavra por palavra. Se não fosse a dedicação e a seriedade dessa rapaziada, que a quase 8 anos vem insistindo junto aos empresários da banda, o show com certeza não teria acontecido.

Para o final a banda mandou ver vários clássicos do Rock, tocados em seqüência, sem tempo para respirar, como: "Let's Dance", "Great Balls Of Fire", "Rock N Roll Music", "Carol" etc. Nada melhor do que caras que viram o Rock nascer, e ainda em pleno 2003, conseguem esbanjar garra e energia fazendo com que todos os presentes se sentissem adolescentes novamente. É isso aí meu chapa, como dizia um famoso cartaz de um filme de uma outra banda inglesa de rock dos anos 70 : "Rock é Rock mesmo!".



Francis Rossi ficou espantado com a qualidade da Poeira Zine.

Francis Rossi e Rick Parfitt não tiravam os olhos da Poeira Zine.

RELICS DISCOS

CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados

Fone/Fax: 223-1602

Enviamos pelo correio para todo o Brasil
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000

Barraca do Diaz LP's

Raridades do mundo da música

Compra - Venda - Troca

Rock anos 60 e 70 - Bossa Nova
Soul Music - MPB - Jazz Rock etc.

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

pérola escondida - Stories

Um sensacional grupo dos anos 70, que até hoje permanece no ostracismo. Por mais incrível que possa parecer, muita gente nunca ouviu falar do Stories.

Imaginem uma banda com melodias pop bem no estilo Beatles/ Kinks. Adicione uma pitada de Art-Rock e Glam, com a elegância de um Roxy Music e um Queen. Ainda junte nessa receita infalível, um vocalista com estilo que ficava num meio termo entre um Rod Stewart e um Steve Marriot. Que tal? Parece ótimo não?

Antes que você comece a se perguntar: "Será que esse tal de Stories é tão bom mesmo?", fique sabendo que a banda foi simplesmente uma das formações que mais honraram o "jeito Beatles de compor". Com o fim do quarteto inglês, começaram a pipocar diversos grupos inspirados naquele mesmo tipo de composições, de arranjos e construções melódicas – todos em busca do "pop perfeito".

Exemplos não faltam, o Badfinger (apadrinhados pelos próprios Beatles), o Raspberries, o Electric Light Orchestra, o Slade, e até o Cheap Trick, são bandas que simplesmente levaram o legado dos Beatles adiante. É exatamente aí que podemos encaixar o Stories, que nunca sequer é lembrado!

Voltando um pouco no tempo, o mentor e fundador do Stories foi o compositor e tecladista Michael Brown, que não por simples coincidência foi também o "cabeça" do Left Banke nos anos 60. Com a banda, Michael criou coisas como "Walk Away Renee" e "Pretty Ballerina". Em 1967, ele abandona o Left Banke e gravou dois anos depois (1969) um LP com o grupo Montage.

Tudo começou a mudar quando Michael conheceu Ian Lloyd, que apesar de ter nascido em Seattle, parecia mais um típico inglesinho mirrado, que para compensar - tinha um baita vozeirão, além de também tocar baixo e escrever belas letras.

Lloyd era tudo que Michael precisava para formar seu novo grupo e assim nasceu o Stories em 1971. Sem exagero, Lloyd pode ser colocado no mesmo nível de vocalistas como Robert Plant, Paul Rodgers, Rod Stewart e Steve Marriot.

Contando também com o guitarrista Steve Love e o baterista Bryan Medley, o Stories lançou em 1972 o seu primeiro disco batizado simplesmente de "Stories", pela gravadora Kama Sutra. Os destaques da estréia eram as faixas "Hello People" - com vocais emocionados de Lloyd, "I'm Coming Home" - um cruzamento perfeito entre Kinks e Beatles, "Nice to Have You Here" - perfeita e tocante balada e "High and Low" (acho que o Paul McCartney nem lembra quando "perdeu" essa música)!

Em 1973, a banda lança o clássico "About Us", onde Michael Brown mostrava todo o seu maravilhoso e apurado senso melódico. Uma versão para "Brother Louie" do Hot Chocolate estourou mundialmente, chegando rapidamente ao primeiro posto das paradas. O resultado não poderia ser outro, "Brother Louie" tinha um clima mágico, uma pura "aura setentista", recheada de orquestrações que contrastavam perfeitamente com o balanço "sexy" da banda – além de uma linha de baixo esperta e guitarras entorpecidas por wah-wahs. "Love is in Motion" é de uma delicadeza melódica espantosa, "Please Please" tinha uma construção melódica realmente intrigante, com muitas mudanças em seu andamento, "Words" era como uma fábula renascentista musicada e "What Comes After" expressava como era rica e majestosa a musicalidade da banda. A verdade é que eles tinham um pé no Art-Rock, o que trazia ainda uma certa elegância para o som do grupo.

Infelizmente bem no auge da popularidade e da criatividade, Michael Brown resolveu abandonar o barco. A banda, sem muita direção chama Ken Bichel para os teclados. Ian Lloyd quer somente se concentrar nos vocais, e acabam também convidando um "senhor baixista" - Kenny Aaronson - que vinha do recém desmanchado trio de Hard Rock, Dust. Coincidência ou não, um dos produtores da banda viria a ser Richie Wise, que tinha tocado com Kenny no Dust.

Agora como um quinteto, a banda rebatizada como Ian Lloyd and the Stories, lança "Travelling Underground" ainda em 1973. Mesmo passando uma fase complicada eles conseguem manter o pique em composições como "Bridges" e "Mammy Blue" - uma proposital tentativa de criar outra canção no pique de "Brother Louie". Na produção, gente de peso marcava presença - Eddie Kramer (Hendrix, Kiss e muitos outros) e a dupla Richie Wise e Kenny Kerner (produtores dos dois primeiros discos do Kiss).

Como o disco não deu em nada, a banda resolve encerrar as atividades. Ian Lloyd se retirou da cena musical por três anos, só voltando em 1976 com um disco solo chamado "Ian Lloyd" - que contava com a participação do guitarrista Mick Jones (ex Spooky Tooth e futuro líder do Foreigner). Em 1979 o cantor lança o excelente "Goose Bumps", com vários convidados ilustres, sejam gravando ou compondo com ele. Alguns nomes envolvidos no projeto eram: Ian Hunter, Corky Laing, Bryan Adams, Michael Brecker, Russ Ballard, Jimmy Crespo, Ric Ocasek, e a dupla Mick Jones e Lou Gramm do Foreigner (Lloyd por sua vez, fez "backing vocal" em todos os discos da primeira e melhor fase do Foreigner). Mais um par de discos nos anos 80 e um em 1997, para Lloyd se retirar em definitivo da cena musical.

Quanto aos discos oficiais do Stories, infelizmente os três se encontram fora de catálogo, assim como a excelente compilação de 20 faixas chamada "Walk Away from the Left Banke Plus", lançada em 1989 pela gravadora See For Miles. Agora quem quiser encarar um autêntico desafio, pode correr atrás dos LP's. O primeiro disco "Stories", não saiu por aqui, porém os outros dois sim, quase que simultaneamente com as edições importadas, ou seja, por volta de 1973/1974. Vai que vale a pena!

CAPTAIN TRIPS
João Pacheco

CD's & LP's

Compra - Venda - Troca

Rock dos anos 60, 70, e 80

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

música que veio do Brasil - Dom Salvador e Abolição

Pianista visionário - Dom Salvador montou um "combo" de nove integrantes em plena época que a moda eram trios de bossa nova. Respeitadíssimo nos EUA e na Europa, o nosso Salvador ainda é bastante desconhecido por aqui.

Hoje, a situação ainda está um pouco melhor, pois graças a um trabalho em conjunto da Sony brasileira, Charles Gavin (para quem ainda não sabe, baterista dos Titãs, e principal personagem dessa onda de relançamentos) e do pesquisador discográfico Rodrigo Piza – o disco "Som, Sangue e Raça" foi relançado em formato digital. Como nem tudo são flores; a série da Sony, que tinha juntamente com esse álbum, mais Hyldon, Trio Ternura, Tony Bizarro, Som Nosso e outros, já se encontra fora de catálogo. Dizem que quase a metade da prensagem original foi exportada para o Japão, por sinal, ávidos consumidores da nossa música. Mas vamos ao que interessa...

Salvador Silva Filho começou cedo – aos 12 anos de idade ele já tocava piano numa orquestra da sua cidade natal – Rio Claro (SP). Aos 23 anos de idade, Salvador se mudou para São Paulo, onde como muitos músicos renomados da época, passou a tocar no circuito de boates e casas noturnas. Com a chegada dos anos 60, e já como Dom Salvador, formou o Copa Trio (com Gusmão no baixo e o "monstro" Dom Um Romão na bateria) e se mudou para o Rio de Janeiro, onde passou a acompanhar gente do nível de Elis Regina, Jorge Ben e Quarteto em Cy.

Com o baterista Edison Machado e o baixista Sérgio Barroso, Dom Salvador formou um novo trio chamado Rio 65. No ano de 1966, o trio seguiu para a Europa acompanhando Edu Lobo, Sylvia Telles e Rosinha de Valença. O trio tocou em nove países diferentes, e durante uma parada na Alemanha gravaram um disco que continha "Meu Fraco é Café Forte" de autoria do próprio Dom Salvador. Ainda naquele mesmo ano, é a vez de Dom Salvador ir para a América, onde fez uma excursão com Elza Soares.

Depois de uma curta retirada da cena musical, Dom Salvador resolve voltar ao Brasil e em 1971 gravou o seu mais clássico registro – "Som, Sangue e Raça". Amparado agora pela Abolição – uma super formação de excelentes 9 músicos negros – entre eles, a própria esposa de Dom Salvador chamada Mariá, e de músicos que depois formariam a Banda Black Rio, como o saxofonista Oberdan Magalhães e o baterista Luiz Carlos.

O disco em si é um primor. Um delicioso caldeirão de ritmos e influências diversas, que vão desde o Funk e o Soul, passando pelo Jazz, Bossa Nova e os tão nossos Samba, Baião e até Chorinho. A faixa de abertura, "Uma Vida" também gravada posteriormente por Toni Tornado, é de um alto astral incrível. A introdução do piano, os vocais, e a matadora linha de baixo, vão se transformando numa crescente e sólida construção sonora que realmente impressiona. Das 12 faixas do disco, 8 são instrumentais, tais como "Guanabara", "O Rio", "Number One", "Moeda, Reza e Cor" e a própria faixa título. A riqueza dessas composições vem à tona a cada nova audição. Sempre comandada pelo piano de Dom Salvador, a sonoridade do grupo ainda nos dias de hoje, soa espantosa.

É uma pena que o grupo ficou só nesse disco, e o próprio Dom Salvador só veio voltar a gravar (como artista principal) em 1986, com seu Dom Salvador Trio. Pouco tempo depois ele se mudou em definitivo para os Estados Unidos, onde mora até hoje.

DISCONEXUS
CDs Novos & Usados
Pop - Rock - MPB
Jazz - Instrumental
Alternativos e Independentes
Compra - Venda - Troca
www.disconexus.com.br
Rua da Consolação, 2682
(entre as Alamedas Santos e Jaú)
Fone/Fax: 3081-7664

DISCO 7
(VINIL)
Compra e Venda
O Melhor da Música Brasileira dos Anos 60 e 70
Fones: 3231-1193
9889-2860
Rua 7 de Abril, 176 - Sala 17 - 1º andar
Centro - São Paulo

Marché
LP's
Bossa Nova - Jazz
MPB - Clássicos
Orquestras e
muito mais...
Fone: (11) 3034-2503
marche@marchediscos.com.br
Rua Matheus Grou, 634 - Pinheiros
São Paulo - SP

www.frontlinerock.com.br

FRONTLINE Rock

CLASSICS

CLASSIC ROCK
HARD ROCK
HEAVY METAL

R. 24 de Maio, 62 - loja 329
SP/SP, CEP: 01041-000
Fone: (11) 3337-2822
Cx. Postal 62625
SP/SP CEP: 01214-970

PROGRESSIVE ROCK

MEGAHARD RECORDS

Confira os lançamentos e raridades em CDs, DVDs, VHS de rock progressivo, progmetal, jazz rock além de distribuição e importação de qq gênero musical de qq país do mundo. Solicite catálogo atualizado das gravadoras PROGRESSIVE e MEGAHARD por fax, fone ou e-mail. Preço acessível, qualidade e eficiência no atendimento. Vendas em atacado e varejo para todo o Brasil via Sedex ou CR. Bandas enviem CDs e demos para possível contratação. Em breve loja virtual completa !!!

MEGAHARD/PROGRESSIVE
R. 24 DE MAIO, 62 LOJAS 361 e 363 - CENTRO- SÃO PAULO -
CEP: 01041-000 - BRAZIL -Tel : (011) 3224.0709 ; Telefax: 3224.8297
E-mail : megahard@progressive.com.br
Website: http://www.progressive.com.br

BAR DO AMADEU

A melhor programação roqueira e setentista de São Paulo

Rua Mourato Coelho, 1151
Vila Madalena - São Paulo - SP
Tel: 3814-0671

Maio Blues
OLD TIME
BAR DO AMADEU
QUALITY
Vila Madalena
SOUR MASH
WHISKEY
100% Rock´n´Roll
04/05 Spitfire Trio
11/05 Cracker Blues
18/05 Path Work
25/05 O Mágico de NoZ
a partir das 19:00hs

ROCK´N´ROLL/POP/BLUES

BANDAS:

Hangar XVIII - Rock/Pop
Septon Blues - Rock/Blues

MONKEY RECORDS

ADQUIRA O SEU CD
R$ 20,00(mais despesa postal)

R.Humberto de Campos, 10 -Curitiba - Paraná
Cep 82120-410 - 41-3576888/99771888
oscar@hispano.com.br

Rocks off

Fone: (11) 3815-6736

CD's Nacionais e Importados - DVD's - Camisetas
Fitas VHS - ETC. e tal

Rua Fradique Coutinho, 632 - Pinheiros - SP

O mais completo site de Rock!

http://whiplash.net

ATUALIZADO DIARIAMENTE

Confira a coluna da poeira Zine na Whiplash

CONFEITARIA SÃO GABRIEL

Bolos - Doces - Salgados

Aceitamos encomendas para festas !

3885-8878
3887-9319
3887-4886

Av. São Gabriel, 416 - Jd. Paulista

FLOWERS

Record's Brazil

Cd's - VHS
DVD's
Nacionais e Importados
USA - EUROPE - JAPAN

Progressive Rock, Hard Rock, Heavy Metal
Folk, Jazz, Blues, New Age, Reggae, Brit-Pop,
Alternative Pop/Rock e o melhor da MPB

COMPRA - VENDA - TROCA

Praça Machado de Assis, 66 Lj. 139 - B. Vista - Recife PE
(por trás do cinema São Luiz) - Fone:(0xx81)3231.5846
e-mail: flowersrecordsbrazil@terra.com.br
http://www.flowersrecords.cjb.net/
Caixa Postal:1212 CEP:50060-040
Recife - PE

Não vai dizer que você perdeu o número zero da

poeira Zine !!!!!

Mas tinha uma super biografia do Status Quo, uma geral nas bandas de garagem das anos 60, Dr. Feelgood, Stones, Thin Lizzy e ainda um guia de como comprar discos do Zappa ! Bom, depois que virar raridade não quero nem saber !

Calma que ainda dá tempo, peça já o seu número zero pelo poeirazine@hotmail.com ou pelo fone: 9526-7947.